



editora
Ja

NOVA
SÉRIE **Nº 6**
MAIO 2008

HUMOR, SEXO, CULTURA, ROCK'N'ROLL & OUTRAS COISAS DIVERTIDAS



VARARAC ALEGRE

Desde 1975

Um painel nem um pouco definitivo sobre O NOVO HUMOR DE MINAS

Salões de humor, novos cartunistas,
site Brazil Cartoon... Quem colocou
Minas no cenário do humor
gráfico do Brasil

NESTA EDIÇÃO:

Maxs
Ziraldo
Wagner
Orlando
Robert
Barroso
Cind
Fernanda
Fernandes
Swarovski
Camilo
Renata
Felipe
Cabeto
Herminio
Sylvio
Gilmar
Orlando
Vieira
Pedro
Lex
Lute
Raul
Duke
Quinho
Edra



* Caminhada Alcoológica
* Encontro Nacional dos Motociclistas
* Encontro do Caratinguense Ausente
Forró da Mata do Fundão

Caratinga em festa com mais um

Desde 1981



FMV



**Através de nossos
Vendedores, Representantes
ou Callcenter, você é sempre
bem atendido pela FMV.**



**Para trabalhar com as
melhores marcas, ligue: (31)3389-8600**





EDITORIAL

JARARACA ALEGRE inaugura escritório

Mais um motivo para o leitor inveterado da J.A. se sentir privilegiado. A última edição deu tanto lucro, que o Tio Camilo, editor desta megacorporação, decidiu inaugurar um escritório! Devidamente equipado com um moderno refeitório e um perfumado mictório, onde será discutido todo e qualquer assunto aleatório. Só não aceitamos bode expiatório, pois nosso mau-humor já é notório.

À noite, funcionará como cervejório, onde nossas leitoras poderão ser operadas em nosso consultório e depois repousar em nosso dormitório, o que certamente nos trará problemas no casório.

Na inauguração, em meio a todo o foguetório, convidaremos o ilustre Deputado Federal Mauro Lopes, que é muito bom de oratório, para fazer seu discurso em nosso auditório, usando um suspensório, onde o leitor simplório poderá depositar suas parcas economias ao som da Banda de Santa Cecília, em nosso ofertório.

Salientamos que a inauguração vai gerar muito falatório, o que tornará nosso funcionamento provisório, durando apenas até o vencimento do aluguel, quando seremos despejados debaixo de muito xingatório, vendo nossas duplicatas serem enviadas para o cartório.

E agora depois de todo esse palavrório, encerramos este editoriório, pois não conseguimos encontrar mais nenhuma palavra terminada em ório.

Finório

PS- Quem não gostou, pode enfiar um supositório.



JARARACA ALEGRE nº 06 (Nova Série) Ano 33 - junho/2008

Editor:
Camilo Antônio Lucas Silva

Redação:
Raul Miranda
Felipe Senra
Flávio Boca
Marcelo Baby
Ronaldo Lopes
Sérgio Mogga
Sylvio Abreu
Cabeto
Edra
e Aspirino. Volta Aspirino!!

Programação Visual:
Camilo

Colaboraram nesta edição:

Maxs Portes, Ziraldo, Wagner Martins, Orlando Pedroso, Robert A. Oliveira, Cind M. Canuto, Domingos Barroso, Fernanda Cordeiro, Pieri Fernandes, Neiler Owli, Renata Cordeiro, Herminio Prates, Gilmar, Daniela Bianchini, Paulo Vieira, Pedro Zopelar, Lex, Lute, Duke, Quinho, Jovino Machado, Ana L. Ribeiro, Marcio Leite, Alexei S. Batista, Brígida Moreira, Fabíola Lugão, Ana Cândida
E... OS IMPUBLICÁVEIS!

jararacalegre@gmail.com

As matérias assinadas refletem a opinião de seus autores que assumem total responsabilidade por seu conteúdo.

Jararaca Alegre com. Prod. e Dist. de Jornais e Revistas Ltda.
R. Tiradentes, 95 - Sto. Antonio - Caratinga MG - (31) 3322-1438
R. Almirante Tamandaré, 814/401 - Gutierrez - BH - (31) 3245-5422

Jornalista Responsável: Carlos Alberto Carli - MG 06547 JP

NESTA EDIÇÃO

- 04- Ziraldo
- 05 - Supereditorial
- 06 - Jovino e o diabo
- 07 - O novo humor mineiro
- 15 - Robert
- 17 - Paulo Vieira
- 26 - Sérgio Mogga
- 27 - Renata Cordeiro
- 28 - Raul Miranda
- 29 - Cind Canuto
- 30 - Sleevefacers
- 32 - Propaganda
- 34 - Fernandes
- 35 - Lex
- 36 - Felipe Senra
- 38 - Cabeto
- 39 - A vida secreta do Tio Camilo
- 40 - Renata Cordeiro
- 41 - Herminio Prates
- 42 - De bêbado a papudinho
- 43 - Orlando Bianchini
- 44 - Assaltaram a gramática
- 45 - Barroso da Costa
- 46 - Síndrome dos 40 anos
- 47 - O sotaque das mineiras
- 48 - Wagner Martins
- 52 - Trem bão é buteco
- 53 - Orlando Pedroso
- 55 - Gilmar
- 57 - Maxs Portes
- 60 - Sylvio Abreu
- 61 - Camilo

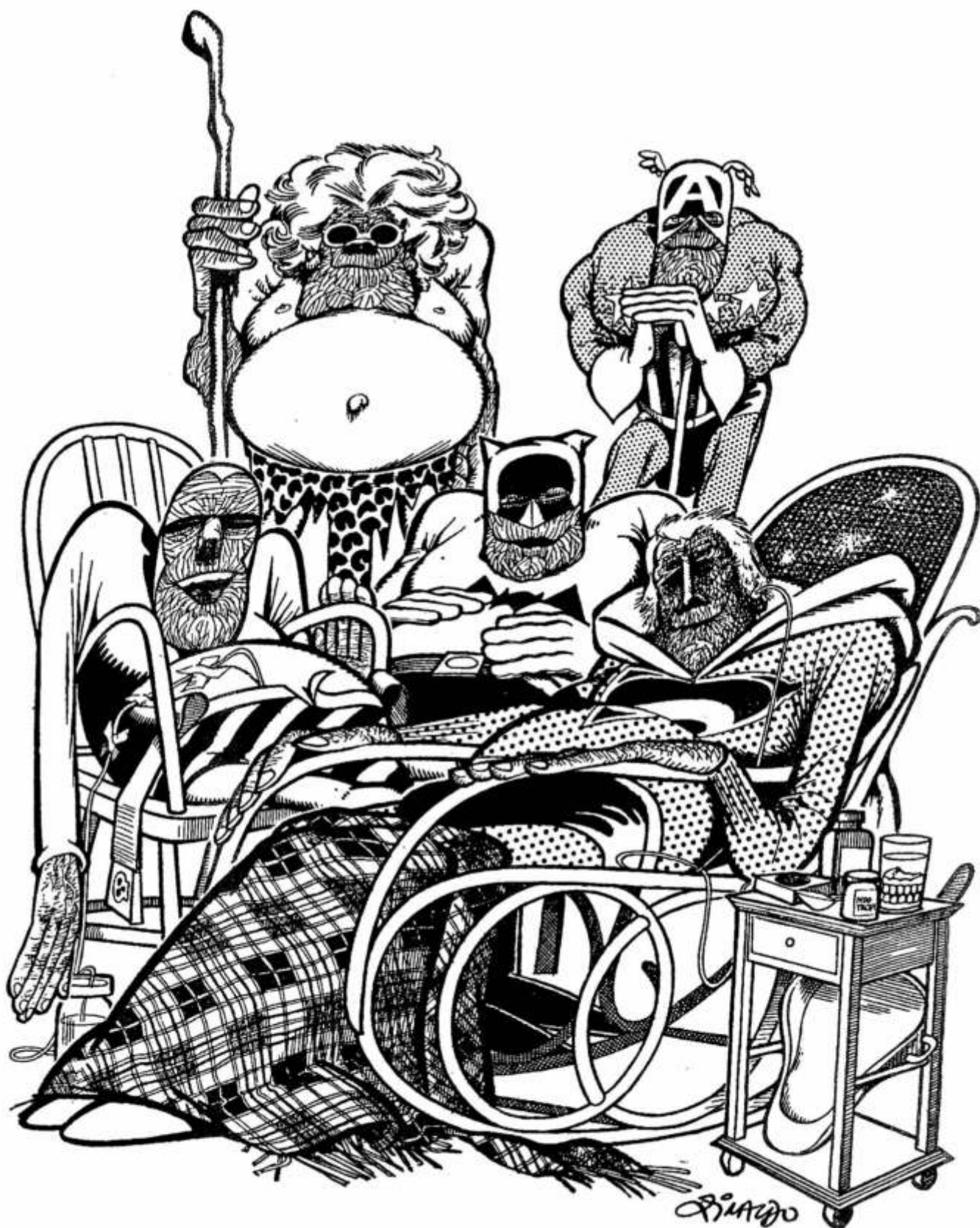
"Não mais você e eu. Porém, nós, que somos mais do que nós mesmos um com o outro."*



*James Hollis

Os "ZERÓIS" de Ziraldo

Ziraldo prepara uma superexposição de telas baseadas em seus "Zeróis", posters satirizando os super-heróis americanos, coleção lançada nos anos 70 e que se tornou clássica. Só que este projeto é secreto e nós não podemos contar pra ninguém. Então, não espalha não





Caratinga: tarde na porta do Quinzinho...



...E noite no E.C. Caratinga com Led Zeppelin Cover



...Ipatinga: no 10º aniversário da Feirarte...



...BH: no Bar da Quiquina...



...e no Rio, no brechó "Coqueluche do Momento" junto com Ziraldo e Os Impublicáveis

Supereditorial

Notícias boas do front

O editorial desta edição era pra ser mesmo só aquela paiaçada que você leu (leu mesmo?) na página de abertura. Mas tem umas coisas que a gente precisa dizer, porque interessam a quem acompanha nosso trabalho, ou começou a acompanhar agora, enfim, interessam a quem gosta da J.A.

Em 2005, quando a J.A. completaria 30 anos de lançada sua primeira edição, eu estava num pique muito bom de trabalho. E achei que dava conta de fazer uma grande comemoração deste aniversário, afinal minha vida está diretamente interligada à história do jornalzinho que começou em 1975.

Eu tinha um esboço de um livro de memórias que tinha começado a escrever em 1999 e depois deixei parado, pois fui atingido pelo bagre do milênio. Desenterrei aquilo, dei uns retoques e resolvi lançar com o nome de "O Baú da Jararaca Alegre", pois ele contava as histórias da minha turma, de quando éramos estudantes, irreverentes, irresponsáveis, descompromissados e de bem com a vida - bem diferente de hoje, que somos só irreverentes, irresponsáveis, descompromissados e de bem com a vida (não somos mais estudantes).

Com o livro sendo finalizado, me encontrei com minha superamiga Brígida Moreira no Rio, para um jantarzinho em homenagem ao grande Jacques Pena, um integrante da turma que hoje é presidente da Fundação Banco do Brasil. Com a presença também de sua (dele) irmã Thais, falei sobre minha idéia de lançar o livro com uma reunião da turma antiga, numa festa a la Anos 70.

A Brígida (Rio), a Thais e o Jacques (Brasília) compraram a idéia na hora. Em BH, meu primo Juninho e sua Lila também. Assim, finalizei o livro, mandei pra gráfica, e comecei a organizar a festa, que aconteceria exatamente no dia em que a jararaca completaria 30inha: 18 de junho. Acionamos as outras meninas superpoderosas: Fabiola Lugão (Sampa), Detinha e Rosângela (Vitória), Selminha (BH) e já tínhamos as principais capitais do país devidamente articuladas. Através de e-meios, telefonemas, msn, matéria em jornais, sinais de fumaça e telefone de lata de leite moça, no dia 18 de junho a festa estava acontecendo e - incrível - conseguimos reunir remanescentes da velha turma do Colégio Estadual que moravam nos 4 cantos do país. Foi um festão, uma festaça, uma tarde na porta da casa do Quinzinho com os Bitoustones e amigos e uma noite na Churrascaria Todeschini ao som da banda Fireball.

O toque de tristeza veio por conta da morte de nosso amigo Luis Claudio "Claudionor", que era o responsável pela parte musical da festa e estava ensaiando com duas bandas em BH pra tocar nela. Claudinho morreu na segunda e a festa foi no sábado. Quase cancelei mas não dava, muita gente estava agendada pra ir a Caratinga há mais de dois meses, se eu cancelasse nunca mais faria uma festa dessas, e com certeza o Claudinho concordaria comigo: o show não pode parar. Claro que fizemos uma singela homenagem a ele na festa.

Mas o que que eu tenho com isso?

Calma, a gente chega lá. É que com o livro do Baú, resolvi recontar a história toda da jararaca, e lancei em 2006 o Álbum da Jararaca Alegre, reunindo recortes dos jornaizinhos mimeografados até hoje, ano a ano.

O próximo passo seria iniciar uma nova fase pra revista. O que vinha sendo tentado desde 2000, quando saiu o número 1 da "nova fase". Saiu o 2 em 2002. O 3, a "edição Dinossauros", saiu em 2004. Agora, em 2007, vamos começar de novo? Não, comecemos do número 4 então. Só que é realmente um novo começo. Vamos deixar de fazer humor pros vizinhos e partir pro mundo.

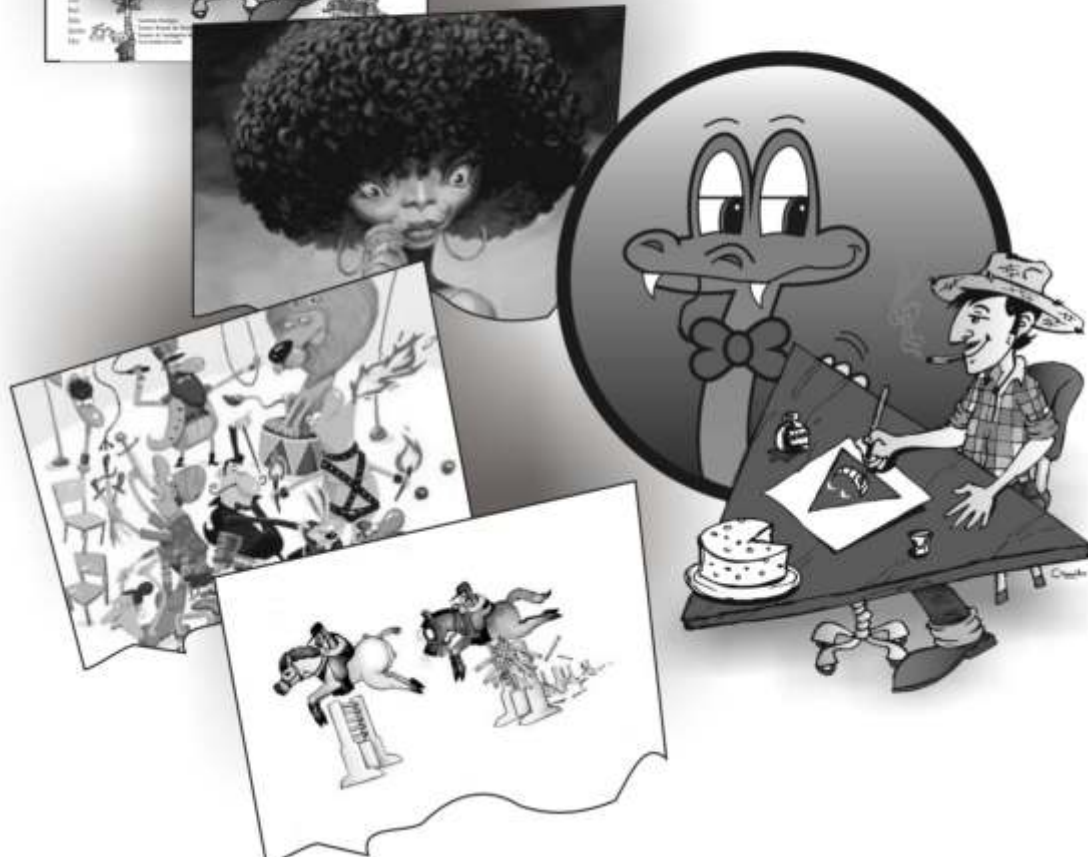
Reunindo "amigos artistas" que atuam no cartunismo, literatura, quadrinismo, música, artes plásticas, poesia, enfim, um time imenso, vamos fazer uma revista que possa ser lida do oiapoque ao chuú, apesar desta expressão já estar tão batida, e não apenas por Caratinga - pero sin perder la temura jamás: Caratinga continua sendo a matriz.

E assim chegamos ao número 6 desta nova fase, e a revista já está circulando (em nichos, claro) em Caratinga, Ipatinga, BH, Rio, e a partir desta edição, em São Paulo e Recife. E o que é melhor: está sendo aprovada!

Graças aos meus "amigos artistas". Vamos em frente, ajuda aí que a gente não pode parar. Curta mais uma edição da **Jararaca Alegre!**



Um painel nem um pouco definitivo sobre O NOVO HUMOR DE MINAS



Esse assunto ainda vai render muito. Fizemos uma mesa redonda com Lute e Duke, e os assuntos foram tantos e tão variados que vai render uma matéria especial na próxima edição. Desta vez, mostramos um apanhado geral da atual produção mineira na área do humor gráfico, e com uma saborosa amostra grátis do riso que está rolando entre as montanhas.

Texto: Camilo Lucas
Participação especial:
Robert e Rafaella
(d'Os Impublicáveis)

Um painel nem um pouco definitivo sobre O NOVO HUMOR DE MINAS

No princípio era o verbo. E o verbo estava no Estado de Minas.

Camilo

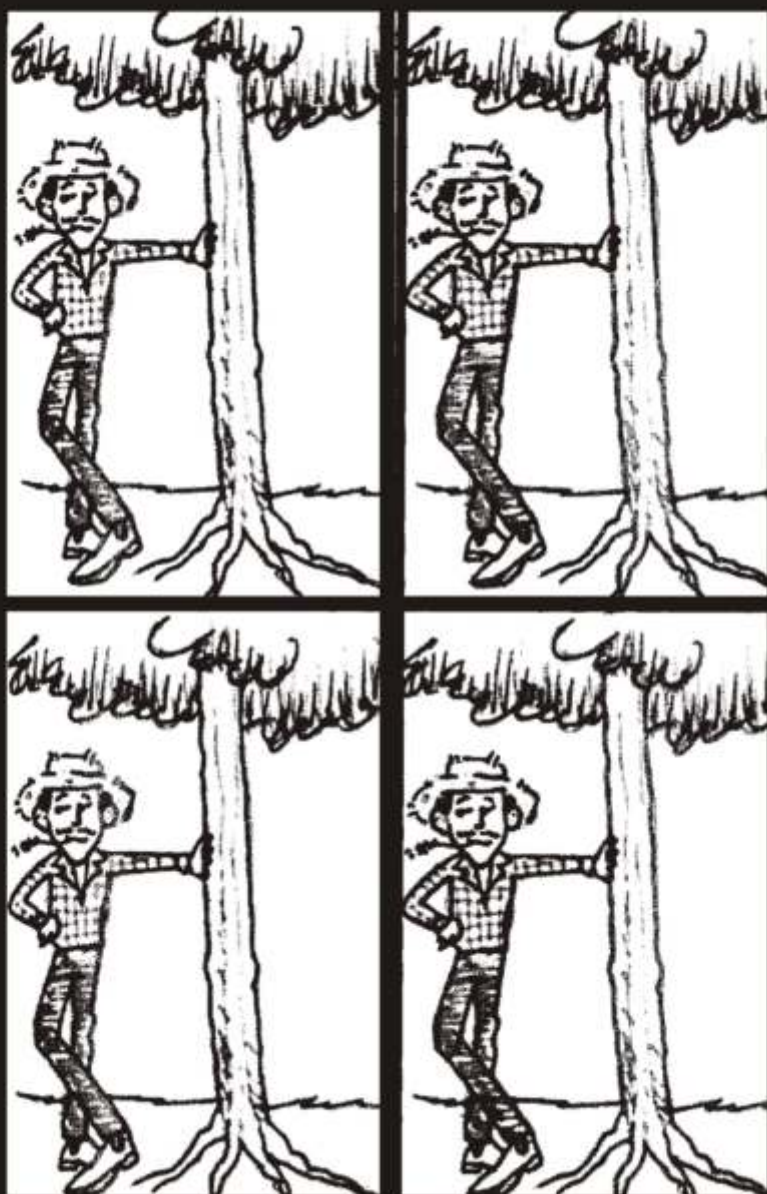


Nome - Camilo
Antonio Lucas Silva
Codinome - Camilo

Curriculo -
Cartunista, designer
gráfico, editor,
publicitário

Passagens - Jornal
do Norte (Montes
Claros), Diário do
Rio Doce (Gov.
Valadares), A
Semana, O Jornal de
Caratinga e Diário
de Caratinga

OBS - O editor da J.A.
está aqui na página
de abertura da matéria,
parece até que é
auto-descaque-seachismo,
mas na verdade é uma
questão de paginação.
Sobrou pra ele sair
na página P&B



Você acabou de assistir: O PARADÃO SERTANEJO

O Grande Jornal dos Mineiros tinha moral. (tinha e tem, claro, mas tá no passado porque falamos do tempo em que ele era) feito no velho linotipo, com uma diagramação maçuda, tipo tijolão, com o profeta do Aleijadinho (qual deles? Quem sabe?) profetizando e observando dos dois lados do cabeçalho, eram os únicos desenhos que podiam ser vistos no jornal. O resto eram fotos de políticos, autoridades, celebridades, bandidos e quem mais merecesse ser notícia naquelas páginas.

Quando foi se adaptando aos novos tempos, o EM passou a ostentar na página de opinião a charge do decano dos chargistas mineiros, Oldack Esteves. Oldack esteve por lá desde os tempos do Big Bang e se encontra lá até hoje. E não reclamem do trocadilho infame que leram ali atrás. Depois, Son Salvador assumiu a charge do *Diário da Tarde*, um braço do EM, e o humor começou a aparecer também no Bitoque, no caderno de esportes.

Mas durante muito tempo, isso foi tudo o que se viu em termos de humor gráfico na imprensa mineira. Enquanto isso, o *JB*, a *Folha*, o *Globo*, o *Estadão* e outros grandões foram investindo nesta área. Não sei se colheram lucro ou prestígio, mas o que importa é que continuaram investindo.

Enquanto isso...

Em Minas, ainda havia a charge de Ricardo, no *Diário do Comércio*, mas como o jornal é meio classista, seu trabalho não atingia o grande público. Este panorama começou a mudar em 1988, quando surgiu o jornal *Hoje em Dia*, em BH. Com um visual moderno, trazia a charge de Cauh Gomes (hoje: Cau Gomez), substituído posteriormente por Lute. E em 1996, aparece *O Tempo*, que a partir de 98 passaria a contar com a charge de Duke.

E para gláudio dos leitores (gláudio? GLÁUDIO?? Putaqui pariu!) o *Diário da Tarde* contratou Quinho para chargear em suas páginas, ao lado do velho Son Salvador (mas este velho é no sentido de clássico, e não no cronológico, falou Son?).

Um painel nem um pouco definitivo sobre O NOVO HUMOR DE MINAS

O que importa é que esta santíssima trindade – Lute, Duke e Quinho – são um sopro de vida nova no humor gráfico mineiro. Junte a isso o site **Brazil Cartoon** (www.brazilcartoon.com.br), comandado pelo cartunista Marcio Leite, que hoje é um dos mais importantes veículos de humor gráfico do Brasil, e o Salão de Humor de Caratinga, coordenado pelo cartunista Edra, um dos mais importantes do país atualmente, e dá pra ver que o humor mineiro vai muito bem, obrigado. Temos também o manhuaçuense Rico (que não gosta de ser chamado de manhuaçuino, por favor) que colabora com jornais e revistas Brasil afora, inclusive com a J.A. e o outro nosso colaborador, Lex (que não é o Luthor) e temos um painel bem incompleto do novo humor gráfico mineiro.

Como este painel será incompleto mesmo, afinal preciso fechar a edição agora se quiser lançar na festa do Caratinguense Ausente, daqui a uma semana, vamos falar sobre eles, e em outra edição voltamos ao assunto. Assim, os famosos quem que ficarem de fora, não fiquem melindrados porque não foi intencional. Talvez, preguiça e incompetência, mas isso tem perdão. (não tem?)

A SANTÍSSIMA TRINDADE

Lute, Duke e Quinho são os feras que comandam, hoje, os espaços nobres dos principais jornais de BH e de Minas. Lute, no *Hoje em Dia*; Duke, com duas charges diárias no *O Tempo* e no *Super*, o jornal de maior vendagem hoje no país, segundo as últimas estatísticas; e Quinho, no *Aqui*, sucessor do *Diário da Tarde*, dos Diários Associados, onde divide as páginas com o mestre Son Salvador. Oldack Esteves continua pontificando no *Estado de Minas*. Grande latifundiário, nunca cedeu à pressão do MCSE (Movimento dos Chargistas Sem Espaço) e, como o Papa no Vaticano, é o monstro sagrado do cartunismo mineiro, mas esse é assunto para outra matéria.

Lute: “Eu comecei publicando no *Cometa Itabirano*. Nasci no Vale do Mucuri. Diferente da maioria dos cartunistas, que desde pequeno ficavam desenhando, e tal, eu jogava bola, fazia cerol, cortava muito papagaio. Ficava muito na rua, mas eu tinha muita idéia. Comecei a desenhar justamente porque eu tinha muitas idéias e não aprendi a tocar violão. Então eu não sou um desenhista que se tornou cartunista, como muitos que eu vejo, eu sou um cara que tinha idéias e encontrou no desenho a melhor forma de expressá-las”.

LUTE



Nome – Lunarde Teles dos Santos
Codínome – Lute
Curriculo – Artista plástico, Cartunista e ilustrador
Passagens – Cometa Itabirano, Edição do Brasil, Diário de Minas, Hoje em Dia
Prêmios – Salão de Piracicaba, Salão Carioca de Humor e outros





Duke

Um painel nem um pouco definitivo sobre O NOVO HUMOR DE MINAS



Nome - Eduardo Evangelista
Codinome - Duke
Curriculo - Artista plástico, cartunista, ilustrador
Passagens - Hoje em Dia, O Tempo
Prêmios - Salão Carioca de Humor, Salão de Humor da Amazônia, Salão de Humor de Campos

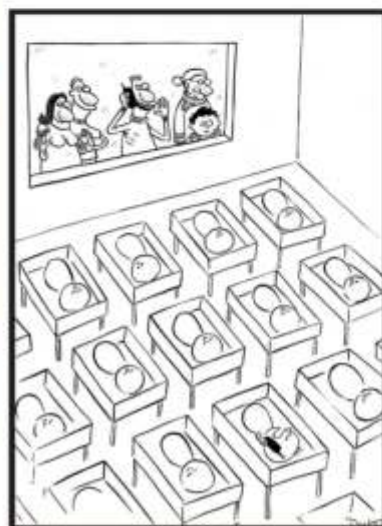


1º lugar - Salão de Campos - 2008



1º lugar -
Salão Carioca de
Humor - 2006

1º lugar -
Salão de Humor da
Amazônia - 2008



Ele continua. "Procurei estudar e suprir a carência do desenho na escola Guignard de artes plásticas. Fiz especialização em pintura, pós-graduação em arte contemporânea, pra tentar justamente aprender mais sobre o desenho, sobre a pintura, essas coisas. Comecei no *Cometa* fazendo as tirinhas e ajudando na redação mesmo, depois voltei pra BH. No jornal *Edição do Brasil*, semanário, apresentei minhas charges. O editor gostou mas não podia me pagar pra fazer uma charge por semana. Começamos a conversar, falando de literatura - eu tinha tempo, e lia muito nesta época - e ele acabou me contratando como revisor, então eu fiquei sendo um revisor-chargeista."

"Depois atuei no *Diário de Minas*, onde tive a oportunidade de receber pelo meu trabalho de charge e ilustração. Dai o Cau Gomez, que era chargeista do *Hoje em Dia*, teve uma oportunidade de ir pra Bahia, e me avisou, e a mais alguns colegas, pra gente levar o port-folio, para ver quem iria suceder-lo. Fui selecionado, eu e o Genin, ficamos atuando os dois, e depois fiquei sendo o escolhido, acho que em 93. Estou lá até hoje. To feliz, tenho um espaço legal, sou respeitado, tenho liberdade pra trabalhar, que acho o mais importante, né."

Lute é um jovem cartunista que sustenta sua família com seus desenhos. Gosta de música boa, boa leitura, boa conversa. Depois de nos conhecer (nós = os cartunistas de Caratinga), aprendeu a comer feijoadá no *Bar da Quiquina*, em BH. Pessoa de astral leve, gosta de trabalhar na redação mesmo, ao contrário de Duke, que conquistou o direito de trabalhar em casa.

Idas e vindas

Duke: "Desenho desde criança. Com 13 anos conheci o Lor, que é um grande cartunista. Fui apresentado a ele pela minha professora de arte. Ele tinha um estúdio no bairro do Prado (BH), e ela levou desenhos de três meninos do bairro, inclusive eu, e ficou combinado que o Lor daria um estágio de seis meses para cada um de nós. Eu fui o primeiro e acabei sendo o único, porque depois ele resolveu cancelar os outros dois. Foi esse meu primeiro contato com a charge e o cartum, e foi um excelente contato porque o Lor é um dos maiores cartunistas do Brasil."

Mas aconteceu um lapso entre esta época e a época em que ele começou realmente a trabalhar: "Eu gostava muito de música também, e com 15 anos

Um painel nem um pouco definitivo sobre O NOVO HUMOR DE MINAS

consegui um emprego no banco. Ganhava bem, isso me seduziu e abandonei o desenho. Mas a minha intenção era a seguinte: com três meses, juntar um dinheiro, comprar uma guitarra e montar uma banda...”

O rock perdeu um grande guitarrista... perdeu ou foi poupado??

Continua, Duke: “Quando fiz vestibular, ia fazer publicidade mas acabei optando por belas artes. Foi quando voltei ao desenho, realmente. Na Federal. Mas mesmo assim não foi uma dedicação 100 por cento porque eu ainda trabalhava no banco e abri uma empresa com meus irmãos, que depois faliu. Fui um péssimo aluno de arte, mas conclui o curso.

“Em 96, o jornal *O Tempo* foi fundado, minha empresa estava falindo, eu tinha perdido meu emprego do banco, e decidi que queria ganhar a vida desenhando. Pra arejar a cabeça, fui pro Canadá (N. do E.: arejou rarefeitamente), onde mora minha irmã. Fui sem grana, pra trabalhar como mecânico... esse meio tempo foi uma espécie de período que tirei pra poder refletir. Voltei após 3 meses, estava nos últimos períodos da belas artes e pensei ‘o que vou fazer da minha vida agora’, quando fui contatado pelo Lor, me dizendo “acabaram de fundar um jornal e tamos querendo uns estagiários lá”. Tinha feito um concurso na faculdade, chamado “Coração de Estudante”.

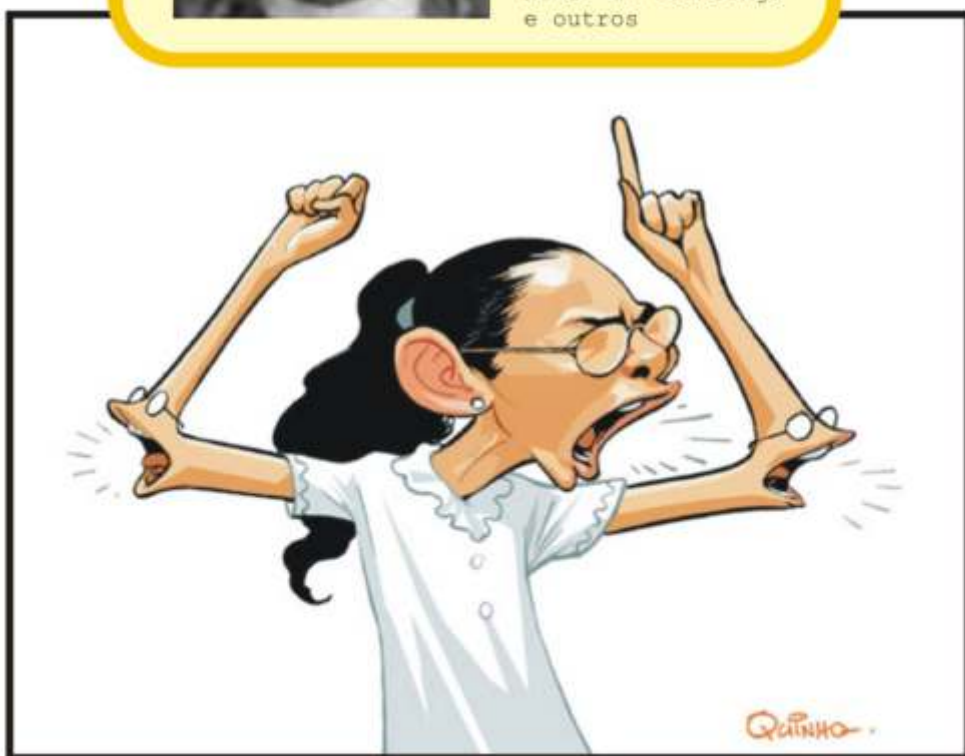
“Eles tinham resolvido pegar o primeiro e o segundo lugares do concurso, para fazer o estágio no começo do jornal, e eu achando que era um jornalzinho de bairro... foi na hora que entrei que eu vi, *O Tempo* já começou grande. Uma puta redação, lotada, não tinha nem cadeira pra tanto jornalista sentar; a gráfica era violenta, quando eu vi fui convidado pra ser ilustrador do caderno de cultura, foi o primeiro dinheiro que ganhei desenhando, fazendo ilustração. Fiquei sete meses lá e eles resolveram cancelar este caderno, e eu saí de lá e fui trabalhar com animação, que era onde tinha me especializado, no curso de Belas Artes.

“Depois, fui chamado pra substituir férias no *Hoje em Dia*, que foi onde conheci o Lute. Foi ele que me deu uma força no início. Fiquei três meses no *Hoje em Dia* cobrindo férias, saí de lá e, pouco depois, *O Tempo* me chamou para substituir o chargista que tinha saído. E eu não fazia charge, só ilustrações. Fui indicado pelo Lute. Levei o port-fólio

Quinho



Nome - Marcos Souza
Codínome - Quinho
Curriculo -
Cartunista,
ilustrador,
publicitário
Passagens - Diário
da Tarde, Bundas,
Estado de Minas,
Opasquim21, Aqui
Prêmios - Salão
Nacional de Humor
Henfil, Salão
Internacional de
Humor de Caratinga
e outros





Um painel nem um pouco definitivo sobre O NOVO HUMOR DE MINAS



Nome - Valfrido Ricardo Martins
Codínome - Rico
Curriculo -
Cartunista e
ilustrador
Passagens -
Agências de
publicidade e
editoras JB
e Abril entre
outras
Prêmios - Ribeirão
Preto, Rio e
Portugal

que eu não tinha, pois não era chargista, mas pedi: me deixem ficar sete dias, se der certo eu continuo."

Bom, nem precisa falar: ele está lá até hoje, e seu trabalho está de alto nível. Já desenvolveu um traço personalíssimo, tem um senso de humor sensível ao sofrimento do povo - aliás, como todo chargista: pra esta profissão o cara tem de ser meio Robin Hood. E de onde ele tirou este nome? Bom, ele se chama Eduardo: "O Lute me chamava de 'duka, dukaramba' etc, e tinha um outro que chamava "Ardo", mas este dava muita piadinha sem graça... como o Lute abreviava muito, "o desenho ficou duca..." acabou virando 'Duke'."

CUIDADO: ANO ELEITORAL

"TODO HOMEM
TEM SEU
PREÇO!"



VOCE,
POR EXEMPLO,
NÃO VALE
NADA!!



Segundo Lute, o Duke é hoje "o chargista mais popular de Minas Gerais e um dos mais populares do Brasil, né, porque o Super hoje tá tirando 200 mil exemplares por dia, cê vai no ponto de táxi, no ônibus, todo mundo tá lá com o Super, então é muito popular."

Quinho

Mas tem um outro que atinge este grande público também: Quinho, que atua no *Aqui*, que está nos calcanhares do Super. Quinho já foi premiado nos principais salões de humor do Brasil, inclusive no de Caratinga, tem uma banda de rock pesado, e acha que a qualquer momento pode abandonar a charge pra ficar só com a banda, mas quando começa a pensar muito nisso, deita numa rede e espera a vontade passar. Jovem também, é um dos cartunistas mais respeitados do Brasil atualmente. Como no dia da entrevista ele não pode comparecer, vamos contar sua história numa próxima edição.

O SALÃO DE CARATINGA

Criado em 1998 pelo cartunista Edra, o *Salão Internacional de Humor de Caratinga* é o mais antigo realizado em Minas Gerais.

Montado sob uma tenda na Praça Cesário Alvim, em 2007, o 9º Salão Internacional de Humor de Caratinga confirmou o grande prestígio que alcançou entre a comunidade, quando recebeu cerca de duas mil visitas ao dia. Diante de mais um recorde em trabalhos inscritos, foi registrada a participação de artistas de países como Macedônia, Azerbaijão, Eslováquia, China, Polônia, Bósnia, Rússia, Alemanha, Japão, Turquia, Israel, Espanha, Irã, Ucrânia, Grécia, Chipre, Usbequistão, Romênia, Indonésia, Cuba, Itália, Iugoslávia, Argentina e Bélgica, além de cartunistas de quase todos os estados brasileiros.

MANO! E ISSO AI,
NÃO DÓI?!?



SÓ QUANDO EU
VEJO UMA ÚRNA
ELETRÔNICA!!!



Um painel nem um pouco definitivo sobre O NOVO HUMOR DE MINAS

A premiação, no valor de 10 mil reais, foi distribuída entre os dois primeiros colocados nas categorias charge, cartum, caricatura e voto popular. Eles receberam também o *Troféu Pererê*, homenagem a Ziraldo, patrono do Salão.

BRAZIL CARTOON

Comandado pelo cartunista Marcio Leite, de Montes Claros, o *Brazil Cartoon*, com apenas um ano no ar, é o mais importante portal do humor gráfico brasileiro. Em constante intercâmbio com o resto do planeta, é uma referência indispensável a quem quer se manter atualizado com o que está rolando. Fala Leite: "o *Brazilcartoon* não é meu, é de todos os cartunistas do mundo. Nossa missão é valorizar e apoiar o desenho de humor". O Leite deseja *longa vida ao desenho de humor*.

Coletâneas

Coordenador do Salão Internacional de Humor de Caratinga, o cartunista Edra organizou duas coletâneas de cartunistas mineiros, lançadas nos salões de 2006 e 2007. Primeiro foi "**Uma doze de humor mineiro**", reunindo doze cartunistas em atividade em Minas: Cau Gomez, Duke, o próprio Edra, Evandro Alves, Lor, Lute, Mayrink, Melado, Paulo Barbosa, Quinho, Rico e Son Salvador.

Depois veio "**Ninguém segura Caratinga**", reunindo onze cartunistas, em atividade ou não, nascidos ou criados em Caratinga: Camilo (este que vos tecla), Célio Hott, Edra, Lane, Marko Santana, Mayrink, Paulo Motta, Paulo Vieira, Washington, Zélio e Ziraldo, além de uma homenagem póstuma ao cartunista Vagn, morto nos porões da ditadura. Ao apresentar este livro no *Programa do Jô*, Ziraldo se referiu a Caratinga como "a cidade com o maior número de cartunistas por metro quadrado".

Destacamos nesta matéria também o trabalho de Lex (Ipatinga - em outra página desta revista), colaborador da *Jararaca* que ajuda a elevar o nível da nossa revista.

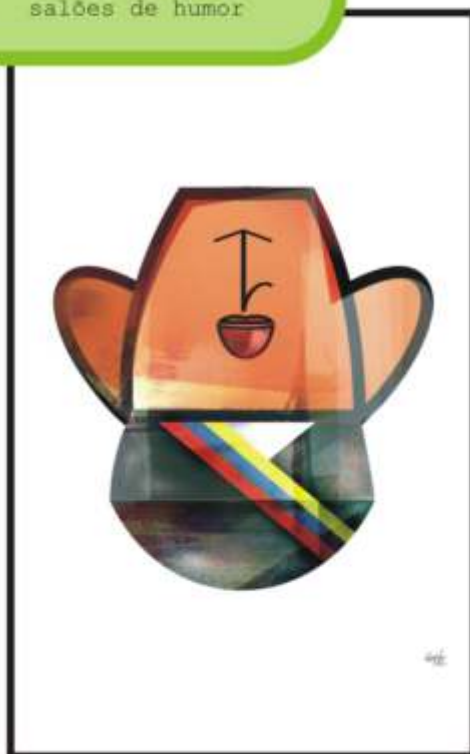
Enóis?

Pra terminar isto que é só um começo de conversa, falamos da *Jararaca Alegre*, que há mais de 30 anos faz uma meia dúzia de gente rir a vontade. Ultimamente estamos meio sérios, "cabeças" demais, mas isso tem cura. O importante é que - veja só! - somos o fanzine mais antigo em publicação no Brasil! E depois a gente fala mais. Fiquem com estas amostras dos trabalhos destes feras do humor mineiro. É bão ô num é?...

Leite



Nome - Marcio Leite
Codinome - Leite
Currículo -
Publicitário,
jornalista e
cartunista
Passagens - Jornal
do Norte, Jornal de
Notícias, Gazeta
Norte Mineira,
Pasquim21,
Brazilcartoon
Prêmios - Não dá
pra listar aqui.
São 31 prêmios em
salões de humor





1º Lugar (Voto Popular) 29º Salão Internacional de Humor do Piauí - Outubro 2003



Ziraldo, Edra e Camilo, na linha de frente do humor gráfico caratinguense

edra...

Nome - Elcio Danilo Russo Amorim
Codínome - Edra
Curriculo - Cartunista, designer gráfico, editor.
Passagens: Correio Braziliense, Jornal de Brasília e Correio do Brasil (DF) e tem 8 livros publicados.
Prêmios: Franca (SP), Brasília, Rio, Piauí e Argentina

Edra, que no início deste ano completou dez anos assinando a página de humor da revista Super Cabo TV e cinco anos de Diário de Caratinga, esta em contagem regressiva para atingir a expressiva marca de MIL CHARGES publicadas na capa do jornal alusivas ao cotidiano de Caratinga e região, registrando mais um capítulo importante dentro da história da imprensa caratinguense.

9º Salão Internacional de Humor de Caratinga



1o. lugar caricatura:
JILET KOESTANA
 Ilha de Java - Indonésia

O Salão Internacional de Humor de Caratinga tem sua revista oficial: HUAÍ - Humor o Ano Inteiro, editada pelo seu coordenador Edra. Apresentamos aqui os vencedores das categorias Caricatura e Cartum, em 2007.



1o. lugar cartum:
Omar Alberto Figueroa Turcios
 Madri - Espanha



O banquete dos carnicheiros

Robert Andrade de Oliveira

Ilustração: Camilo

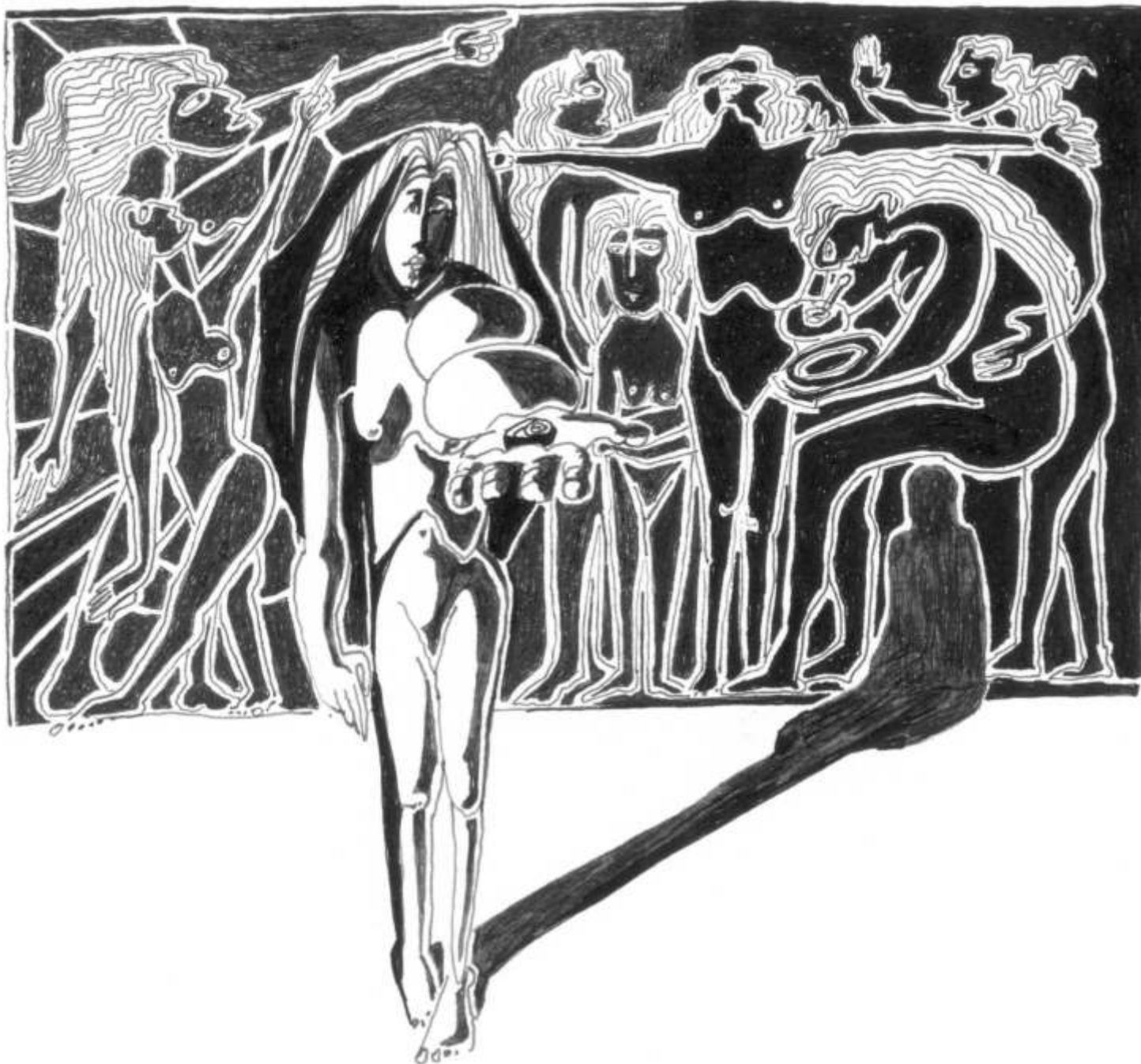
Os comensais, que eram quatro guerreirinhos da Aldeia dos Carniceiros, fecharam os olhos; tão saborosa era a carne que era pura, tão pouco salgada e longe do recurso da ardência. Num hábito largo eles comiam carniça apimentada; pouco menos, mas ainda assim saborosas, eram as carcaças deixadas pelas feras já satisfeitas. Não era raro naquele povo, pequeno na altura, encontrar quem nunca tivesse comido carne fresca. Já na vizinha Aldeia Menor, cujos aldeões eram grandes jagunços, no entanto a vida não vingava dez anos para os homens e quinze para as mulheres, comiam as crianças que recusavam a vida como uma imposição divina e abandonavam os corpinhos para que suas almas mortas vivessem saltitando de Jacarandá em Jacarandá. As mães chorosas preparavam os pequeninos e com lágrimas nos olhos os almoçavam culpadas; já os homens diziam em meio às ébrias risadas: “nem as lebres são tão deliciosas”.

“Mas o preço de tão divino banquete sempre foi, é e será, e não havia, não há e não haverá como não ser a própria existência”, disse sabiamente Costelícula, o guerreirinho Mor. Estavam em casa de Grande Mãe, matrona de toda essa gente que quase não parecia gente, e não estavam simplesmente para visita corriqueira. Era para eles a comezaina, embora a visão grande-opulenta da matrona lhes dissesse sem palavras que ela se valeria mais de toda fartura que os próprios.

Segurando firmemente uma beíça de carne linda em cheiro, disse a Grande Mãe: “Eis meus pequenos guerreiros, que de menor só têm o corpo, aqui está posta a mesa para que se fartem. É o meu agradecimento por terem capturado aquela besta que vinha devorando meus pavões de três cabeças. Comerão de coisa que jamais mortal algum comeu... aqui está assada e temperada a carne do Grande Pai. Homem de muita valia, como todos sabemos, que do melhor sempre comeu e certamente seu sangue reteve todos os sabores que desconhecemos. Comigo, nunca, jamais dividiu uma coxa de faisão, mas esta iguaria faço questão de dividir com vocês.”

Comeram, comeram e comeram até acabar. Cheiraram todo o cheiro que estava no ar e não se fartaram como era de se esperar, visto seus tamanhos. Grande Mãe não careceu de sal nem assadura, crua estava igualmente saborosa. Quando a barriga entupiu, beberam água de sabão até tudo vomitar. Da matrona só ficaram os ossos roídos, nos guerreirinhos ainda sobrava espaço para mais. Insaciados, seguiram rumo a tal cidade, onde, se diz os chamados colonizadores e membros de tal de clero, comem bem e assim sendo, bem comidos podem ser.

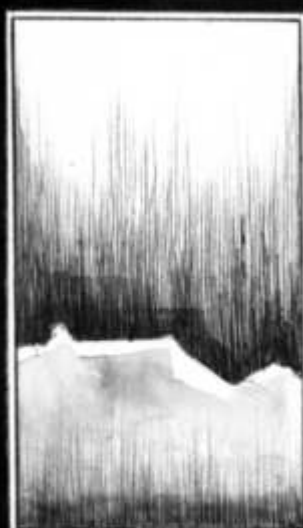
Robert Andrade é integrante
d'OS IMPUBLICAVEIS.
Camilo é o Camilo mesmo.
www.osimpublicaveis.com.br



Paulo Vieira

O artista plástico **Paulo Vieira** é artista plástico e só. Não é igual a gente que joga nas onze pra sobreviver. Ele só artesplastiqueia na vida, não faz mas nada. Em compensação, astesplastiqueia o tempo todo. Fez um livro com desenhos feitos pra aproveitar o tempo de banheiro, tem outro pronto com desenhos da hora da comida, está preparando um baseado na FÉ. Isto, como tuga-gosto. Seu forte mesmo são as telas, em acrílica e óleo. Desenha também a lápis, carvão, nankin, aquarela, giz, pastel. Desenha na areia e na terra, desenha com tijolo de construção. Hoje está trabalhando com Ziraldo num projeto ultra-mega-power secreto (mas eu já sei qual é). E expõe numa galeria podre de chic no Rio. Sua assinatura está sendo valorizada. Uma desse tamanho aí de cima, então, deve tá valendo uma nota preta. Mas antes de tudo, Paulo Vieira é amigo véio, parceiro de longas noites de boemia-aqui-me-tens-de-regresso, e de loucuras literais. Colaborador da J.A., preparou esta HQ que publicamos com exclusividade. Saboreie, nas próximas páginas, **Tormenta**, por Paulo Vieira.

Cavalo



A MAIORIA DOS HOMENS,
BÊBADOS E ASSUSTADOS,
ABANDONAVAM A EMBAR-
CAÇÃO. ENQUANTO O
CAOS DITAVA A SUAS
ORDENS, O CAPITÃO
TENTAVA EM VÃO...

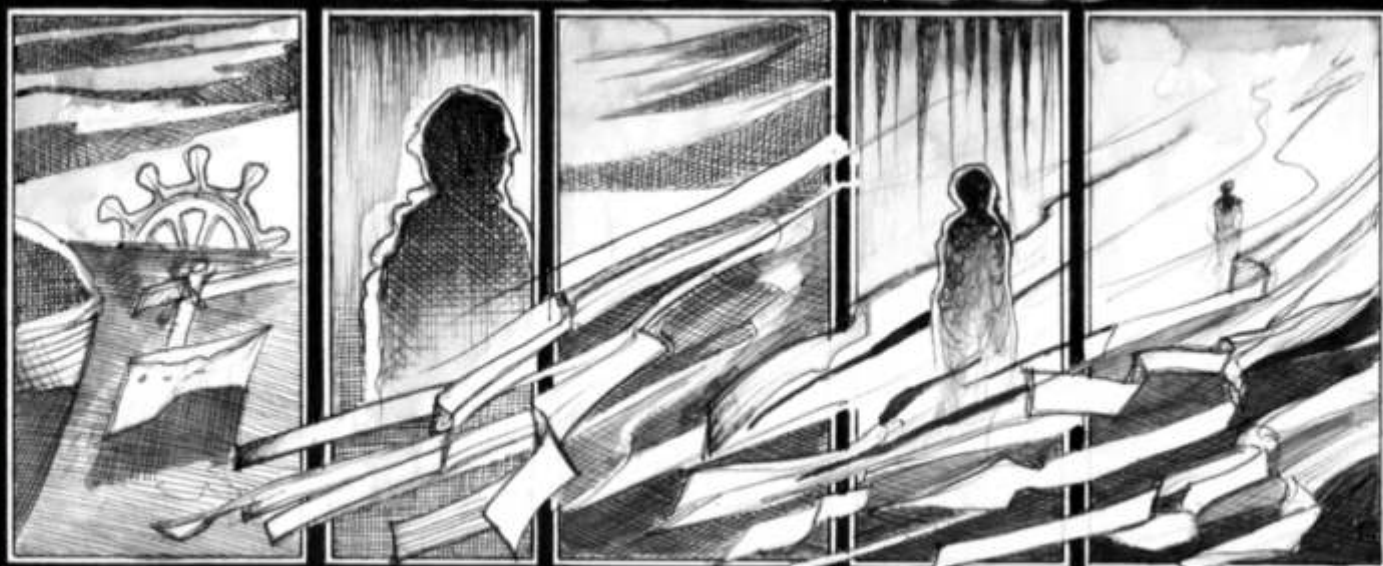
... DESOBEDECER.
O CAPITÃO NUNCA SE
DEIXAVA VENCER.
ATRAVÉS DA ESCOTI-
LHA DA CASA DE MA-
QUINAS, PUDE VER AS
DUAS CRIATURAS.



QUANDO A TERCEIRA SURTIU...



DESCOBRI QUE NENHUM DE NÓS HAVIA SOBREVIVIDO.





JOGANDO
NOSSAS ALMAS
À DERIVA,
NUM LONGO
CALVÁRIO.

A QUARTA
APARICÃO,
IMPETURBÁVEL,
TROUXE OS
PIORES SONS
DO MAR.

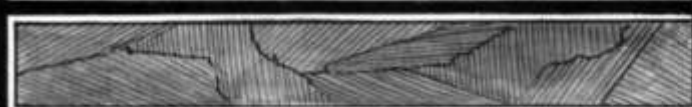
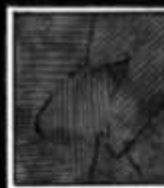
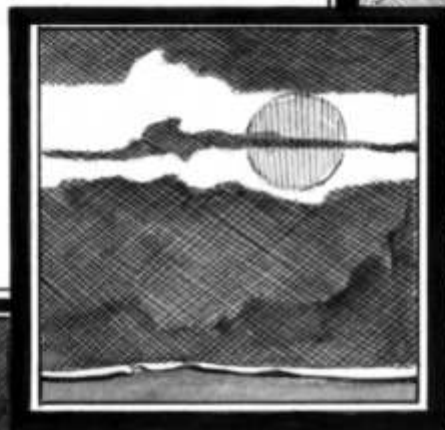
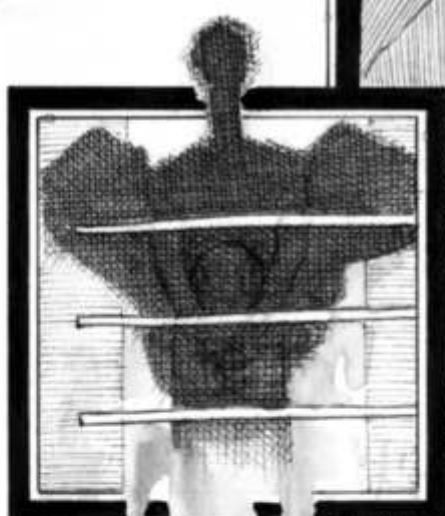
ACORDANDO
NOSSAS
CONSCIÊNCIAS,

A ÚNICA
COISA EM NÓS
QUE HAVIA
SOBREVIVIDO.





E DESSA SOBREVIVÊNCIA,
UMA NOÇÃO PRECÁRIA
DE MATÉRIA CORPÓREA
NOS ENVOLVIA,
CAUSANDO-NOS MEDO,
O MESMO QUE SENTI-
MOS QUANDO A CABEÇA
DECAPITADA DO CAPITÃO
PAIROU SOBRE NÓS.



POR UM MOMENTO,
CONDUZIDO PELA
ESPERANÇA,
MEUS OLHOS VISLUMBRA-
RAM UM RESGATE
ORDENADO POR ELE.

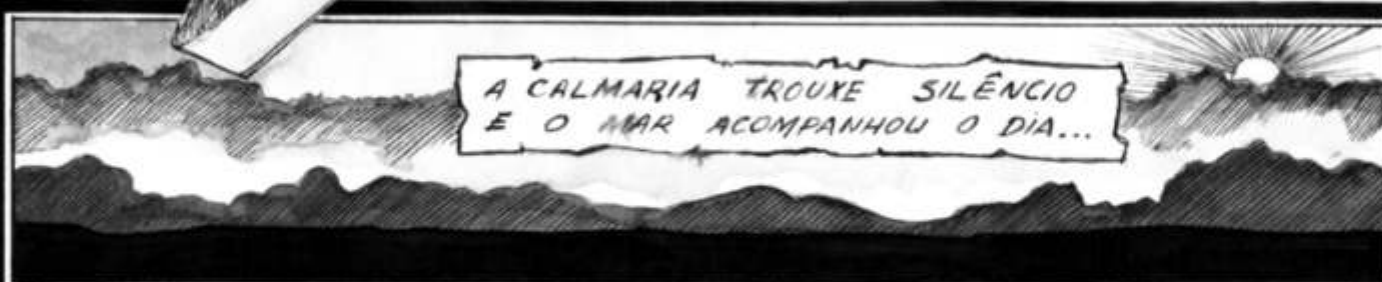




MAS A IMAGEM
DESAPARECEU,
IGUAL A ÚLTIMA
CRIATURA QUE VI,

O DIÁRIO DE
BORDO FLUTUOU
TREMULANDO
AS PALAVRAS,
CARDUMES DE
FEIXES NADAVAM
AO REDOR.

A LIÇÃO DO NAUFRÁGIO
SEGUIU CONOSCO MAS
OS TORMENTOS E
AS VISÕES CESSARAM.



A CALMARIA TROUXE SILÊNCIO
E O MAR ACOMPANHOU O DIA...

FIM.

SÉRGIO MOGGA



Há algum tempo atrás, quando eu morava em BH, sob um raio de inspiração, escrevi um poema 'viajádão' em um caderno que ficou guardado durante alguns anos. Recentemente, mexendo nas minhas tralhas, encontrei-o e como sempre escrevo algo para esta revista, resolvi colocá-lo aqui. Já está:

DIÁRIO DE BORDO

RAÇA HUMANA

(ESTAÇÃO TERRA)

ERAS E FERAS, MITOS E GUERRAS
ESTAÇÃO TERRA, ELETRIZANTE ESFERA
VAGANDO NO ESPAÇO, CONTÍNUO COMPASSO
DESLIZANTE PERDIDO DISTANTE
RAIOS, CONFLITOS, GOTAS DE HARMONIA
INSTANTES AFLITOS, SINGELA CALMARIA
RAÇA HUMANA, ANIMAL QUE EMANA
NO VÉU DA HISTÓRIA INSANA
CARÍCIAS E SONHOS, ABISMOS MEDONHOS
O SOL DA ALEGRIA, MISTÉRIO E MAGIA
QUE SURGINDO AO GLAMOUR DO ÓDIO E O AMOR
COMO A MÃE ESFERA QUE NADA FLAGELA
TREVAZ E LUZ QUE A TUDO CONDUZ

VALENTE TERRA NAVEGANDO NO VÁCUO
NAVE COMPASSO, FUTURO, GERAÇÃO, VISÃO, O SIM E O NÃO
PEIXES OU AQUÁRIO? ESTÁGIO PRIMÁRIO?
SER OU NÃO SER? EIS QUE SIM, EIS QUE NÃO
EIS QUE SIM E QUE NÃO
GIRANDO NO COSMOS A MAIS PURA ADEQUAÇÃO
FICÇÃO OU VERDADE QUE COM TODA IDADE
EXÍMIA VAIDADE, DESLIZA NO INFINITO
À BEIRA DO CAOS, 42 GRAUS
O VÍRUS DO MAL E O AQUECIMENTO GLOBAL
MAS ESPERANÇA CONSTANTE NA TRAJETÓRIA DISTANTE
TERCEIRA PEDRA DA ESTRELA QUE A TUDO ILUMINA
TRAZ A VIDA E FASCINA
PLANETA ÁGUA COM TODA A PAISAGEM
TRANSPORTANDO A HUMANIDADE
NESTA IMENSA VIAGEM

Sérgio Mogga

NAVE TERRA

NAVE TERRA CHEIA DE NATUREZA
O SOL É CONVOÇO,
BENDITA SOIS VÓS ENTRE OS PLANETAS
E BENDITO É O FRUTO DE VOSSA SEMENTE: VIDA
SANTA TERRA MÃE DOS HUMANOS
PROVIDENCIAI POR NÓS MORTAIS
AGORA E NA HORA DA NOSSA SORTE
AMÉM

Rita Lee

NOSSA NAVE TERRA É A FONTE DA VIDA COMO A CONHECEMOS.
A MANUTENÇÃO E OS CUIDADOS COM ESTE PLANETA SÃO IMPRESCINDÍVEIS
PARA A SOBREVIVÊNCIA DA RAÇA HUMANA



Cabeto

Leleco, Canelas e Afropanelas

O Brasil é mesmo um país de excluídos, a não ser para quem faz parte de alguma cúpula ou cópula política, o que dá na mesma, tamanha é a sacanagem com seu voto. Um exemplo é a exclusão racial das panelas de barro pretas, que ficam expostas ao relento às margens da BR-040. Empilhadas ao acaso, as panelas pretas, conhecidas mundialmente como afropanelas, são vendidas ao preço de 10 reais o jogo, enquanto as panelas brancas custam muito mais e são acomodadas em prateleiras com cobertura e vista para o mar.

Era de se esperar que as vasilhas de ébano se revoltassem e exigissem maior inclusão social, com cotas em universidades e meia-entrada em shows de pagode. Buscando sensibilizar a sociedade, elas tentaram conseguir apoio com o fogão, que vive sempre no maior gás. O problema foi conter a verborragia de um fogão de seis bocas, que fala pelas trempes e acaba vazando informações sigilosas.

Mesmo sabendo que toda dona de casa gosta de se vangloriar da panela areada e limpa como um espelho, as afropanelas não desistiram da luta e, com o apoio de diversas ongs, criaram a Secretaria Nacional de Inclusão, Cidadania, Apoio, Logística, Defesa, Abrigo, Cotas na Universidade e Respeito dos Afrodescendentes. De agora em diante, nada de piadinha com seus pares. O próximo passo seria retirar o feijão preto da feijoada e colocá-lo num lugar de destaque na culinária francesa. O feijão carioca e o mulatinho também estavam incluídos pela sua afrodescendência.

O movimento tentou em vão conseguir o apoio dos guarda-chuvas, mas a maioria destes estava perdida. Assim como as palhetas de guitarra, as canetas Bic e os isqueiros, os guarda-chuvas somem de repente. E com um agravante, ninguém os

encontra. Você conhece quem já achou um isqueiro, mas ninguém chega em casa com um guarda-chuva. Suspeita-se que eles se dirigem à cidade-éden, Londres, onde saem às ruas durante o ano inteiro, sendo tratados com respeito pelos lordes e até mudam seu nome para umbrella. Eles odeiam serem chamados de guarda-chuvas porque não guardam chuva nenhuma, senão seriam mandados para o Nordeste do Brasil como solução para a seca. E isto iria evitar a absurda transposição do São Francisco, como sonham velhos calangos da política nacional.

Outra bandeira desta luta pela cidadania culinária foi a guerra contra as panelas de teflon. Estas sempre foram consideradas impostoras do movimento, pois apresentavam negritude apenas em sua superfície. Qualquer passada de bombril revelava a verdadeira face branquela destas falsas vasilhas. A paranóia era tanta, que as panelas de teflon eram vistas como espões infiltrados no movimento e não se juntavam a nenhuma ideologia, já que não tinham aderência.

Cansadas de ouvirem gracinhas como “cuscuz de bêbado não tem dono”, as afropanelas resolveram ir até o sul do país e criar o MST – Movimento dos Sem Tramontina. Após tomarem a sede da empresa e destruir a linha de fabricação, elas marcharam até Bueno Aires, onde tentaram convencer los hermanos de que não somos macaquitos e que Pelé é melhor do que Maradona.

Carlos Alberto Carli (Cabeto) é jornalista, guitarrista e membro fixo e latejante da J.A.

So near far

Dia desses recebi um e-mail de um amigo me convidando para me cadastrar num negócio chamado "Sônico", coisa de internet. À primeira vista desconfiei, suspeitei ser algum programa espião usando seu endereço eletrônico. Entrei em contato com o tal amigo e ele mesmo confessou não saber direito o que era, explicando que era similar ao Orkut.

Devolvi dizendo que até o Orkut era terreno inexplorado para mim e logo dispensei o tal cadastramento. Na verdade, acho que já passo tempo demais na frente do computador trabalhando, lendo notícias e, vez por outra, conversando com amigos no MSN onde procuro ser breve.

Embora reconheça que hoje, sem a internet, sequer conseguiria desenvolver meu trabalho considero que passo tempo demais diante de um computador, tempo este que poderia gastar andando pelas ruas, encontrando gente, conversando olho no olho, rindo e ouvindo suas risadas.

Certa ocasião entrei num desses sites de relacionamento amoroso. Fiquei curioso sobre como aquilo funcionava e se dava para produzir uma matéria para o jornal impresso que editava. Dava, mas aquilo tudo me causou uma sensação de vazio tão incômodo, de solidão que logo tratei de abandonar o tema. Era um verdadeiro heartbreak hotel, cheio de gente repleta de sonhos querendo acertar numa espécie de mega-sena sentimental. Mais barango que telenovela.

Há quem diga que a internet aproxima as pessoas. Num certo sentido, sim. Como é, por exemplo, o caso do telefone, ou já foi. Mas, por outro lado, as distancia muito mais que aproxima. É um meio que facilita a comunicação, mas esvazia o contato verdadeiramente humano onde figuram odores, arrepios, olhares, tato, abraços, apertos de mão, beijos e tantas outras coisas ótimas herdadas do tempo dos homens das cavernas, ainda tão populares atualmente.

As pessoas andam se escondendo atrás do computador. Quantas horas por dia passamos procurando um monte de coisas que nunca nos fizeram falta, encantados feito nativos aborígenes com os espelhos e miçangas trazidos do novo mundo? É claro que vieram também facas e ferramentas, mas que só serviram para afastá-los de si mesmos.

Puxa vida! Espero nunca perder o gosto, o prazer pelo vagabundear a pé pelas ruas, parando em botequins, jogando sinuca, encontrando gente e as enfrentando pessoalmente, olho no olho, sem me esquecer, é claro, de pedir o seu e-mail e passar-lhes o meu.

Nada tem a ver com saudosismo, nostalgia. Ainda somos gente. Ainda damos beijos de língua, nos abraçamos, contamos piadas para ouvir de perto a gargalhada do outro. A internet nada mais é que um espelho da natureza humana. Tudo lá: valores, prazeres, respostas, perguntas, utilidades, futilidades. Mas, francamente, a alegria virtual nunca vai se comparar aos mais ínfimos e singelos sentimentos humanos do relacionamento pessoal entre amigos, amantes, inimigos, clientes, fornecedores e tudo o mais.

Assim sendo: ponha sua caixa de e-mails em dia, delete o que não quer, responda o que quiser, mas, pelamordedeus, saia dessa pôrra de cadeira, desliga esta geringonça, toma um banho, passa um perfuminho no cangote e vá se arriscar na rua, pegar um fogo, levar um fora, comer alguém ou, simplesmente, andar por aí feito Caetano Veloso em sua música **Alegria, Alegria**: "Caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento..."



Cind Canuto

Ilustração: Pedro Zopelar

A espera

Eu espero. Não por esperança, que essa foi perdida nos primeiros anos de vida. Não, ela não morreu, apenas está perdida.

O pior de esperar, é que sempre vem algo diferente do que se espera. Nem sempre é pior, há casos de vir algo melhor, sim, mas nunca é exatamente como se esperou. Porém quando vem algo melhor, ainda não é tão bom quanto esperar em vão. Isso mesmo, naquele momento que se espera tanto que é inacreditável que não aconteça. Tão inacreditável que vira uma espécie de milagre.

Esperar não é uma coisa que se faz estático, como pensam alguns, mas essa é a impressão que se tem em todos os casos. Por exemplo, quando trabalho muito para receber um salário sempre ínfimo no fim do mês parece que estive em suspensão o tempo todo. No caso é porque a impressão que se tem é de que se perdeu todo o tempo gasto com o trabalho por nada. E tempo perdido é tempo parado. Dá pra pensar que podia ter sido feita alguma coisa pra mudar essa situação. Ou seja, acomodação também é espera, também é tempo perdido e também dá a impressão de que se está estático.

Entretanto, no sentido oposto, quem acha que faz de tudo pra mudar a situação em que esteve, pelo menos durante o tempo em que agia, esperava. Esperava pela mudança, que é infalivelmente percebida por quem espera; e, claro, nunca do jeito que esperava.

Mas eu falava do milagre de esperar. Esperar em vão não produz nenhum fruto que não seja desilusão. Manter para sempre a ilusão da espera é como viver apenas um dia após o outro. Há a espera, chega o esperado e então o OK manda os arquivos para reciclagem. Já a desilusão cria na pessoa uma memória, infeliz, sim, que causa transtornos na alma do paciente (aquele que esperou), mas que pode ser – e aí está o milagre – superada! Não é recebida, nem conseguida, adquirida, mas superada. Ora, há de ser um milagre. E com superações é que o paciente consegue transpor a cadeira temporal que o cerca. Vive, então, no passado, presente e futuro de forma plena, apesar de não ser sempre com muita felicidade. Para a plenitude não há necessidade de felicidade, devo dizer.

Como foi explicado o que é o pior de se esperar, melhor também falar sobre o melhor. Se você perguntar a qualquer ser humano que se preze se ele espera por algo e o quê, certamente terá uma conversa. Como tudo que é relativo, também o é a espera, logo, se será boa ou não, depende mais do que se espera do que da conversa em si, mas se você espera, você tem companhia.

Cind Canuto é integrante
d'OS IMPUBLICÁVEIS. Pedro
Zopelar é o maestro da J.A.
www.osimpublicaveis.com.br

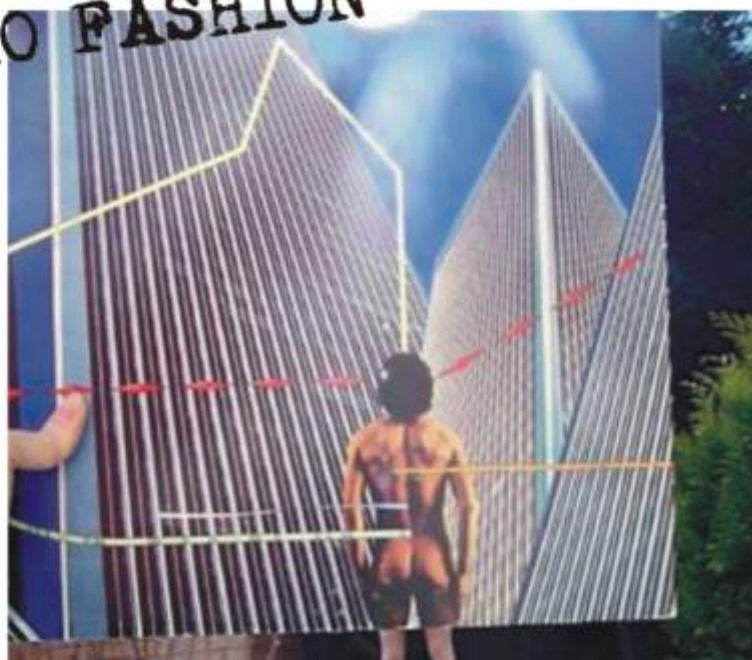
SLEEVEPAGERS

Neiler Swarovski

BOLACHÃO FASHION



Lh cherry oh cherry oh baby



Hearing your
wonderous stories...



What a wonderful world my friend



What????



huw evans



*A Câmara Municipal de Caratinga
se orgulha em apoiar as iniciativas
culturais de nossa cidade.*

A história começou numa big party dada pelo promotor galês Jonh Rostron, quando seus amigos tiveram a brilhante idéia de brincar com seus mais de cinco mil vinis. O resultado foi tão legal que Rostron postou as fotos num site. Pronto! Surgiu aí o **Sleeveface** <www.sleeveface.com>, movimento que rapidamente se espalhou pelo Facebook, YouTube, Flickr, onde adeptos do mundo todo expõem suas fotos com suas capas favoritas. É muito simples – basta pegar aquele vinil que você adora e fazer a cena que quiser com ele. Nos países da Europa o movimento já é tema de festas cool e o assunto já rendeu matéria na finlandesa Image Magazine, no francês Le Monde, além dos tupiniquins Folha de São Paulo e O Globo. Por falar em tupiniquins, por aqui só os mais descolados aderiram à moda – ainda! Rostron pretende transformar as melhores fotos num livro e já fechou negócio com uma editora americana.



*In the middle of the night
In the middle of the night I call
your name... Oh Yoko!*



steph



*Jokerman dance in the
nightingale tune. Bird fly high
by the light of the moon...
Oooh Ohh jokerman*

Nascido em St. Dayse's Town,
Neiler Swarovsky Owly é o
nosso correspondente em Tonga,
de onde manda os últimos
hypes. Aliás, pra ser hype
tem mesmo de ser o último.



*Papa, don't preach.
I'm gonna keep
my baby!*



Skazi
SURF WEAR

Av. Olegário Maciel, 187 - Centro - Caratinga - MG (33) 3321-2133

Propaganda

A prefeitura de São Paulo proibiu os out-doors e outras placas gigantes que poluem o visual. Agora só falta proibir o gás carbônico que polui a atmosfera, o despejo de dejetos que polui o rio Tietê e os peidos que poluem os elevadores. A civilização não vive sem propaganda. Você até acha uma arte "menor", mas é nos anúncios publicitários que se encontram alguns dos maiores lampejos de criatividade pop.



max

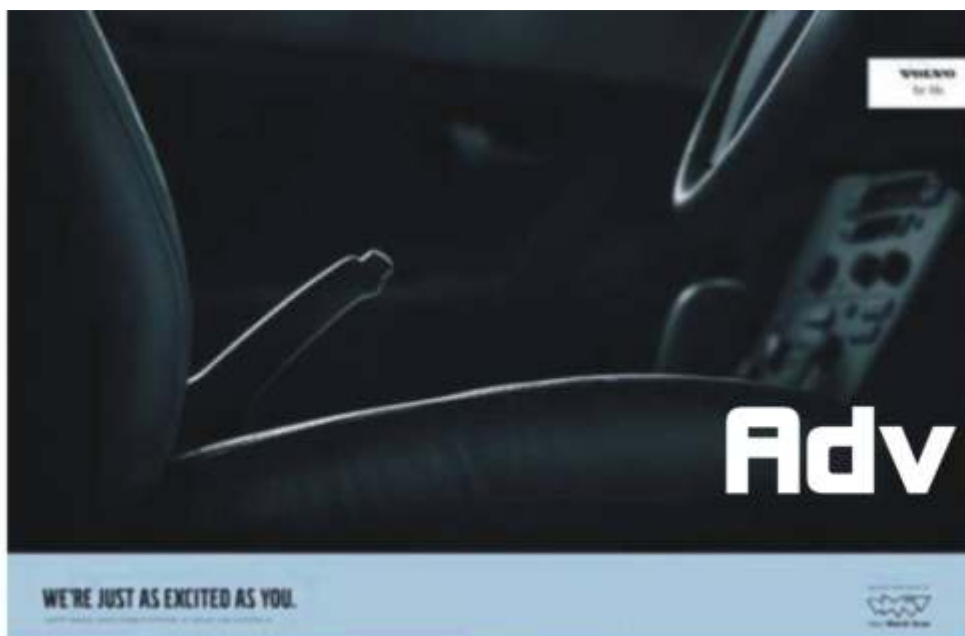


PLAYBOY



Kaô

A civilização não vive sem sexo. Sensualidade vende. Como diz o sábio, tudo é movido pelo interesse sexual. E a publicidade não deixaria de perdeber. Há quem apele grosseiramente para vender. E há quem tire um sarro em cima disso

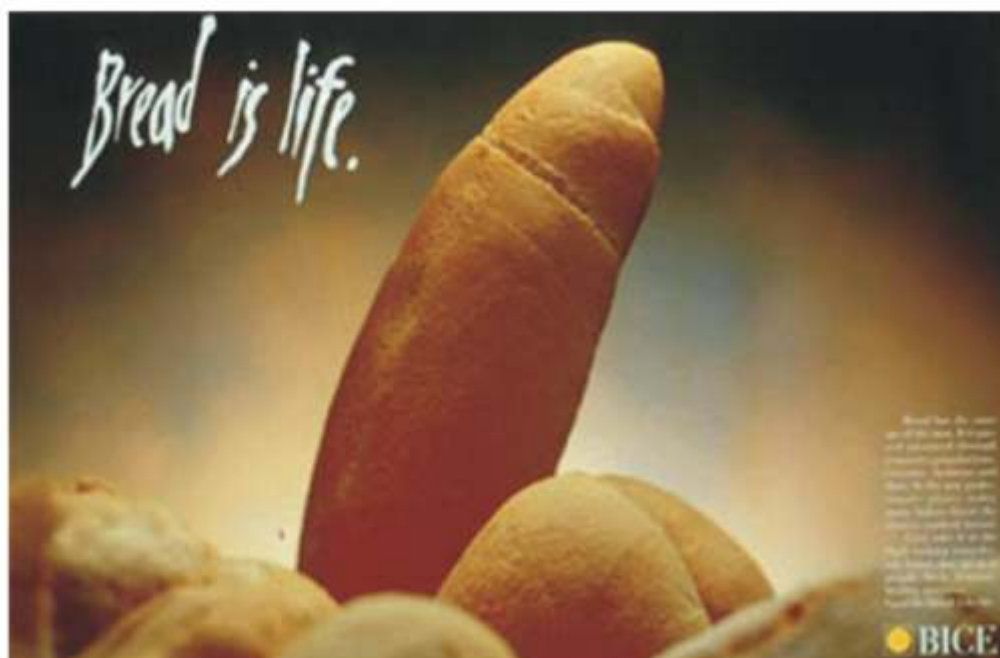


Já se foi o tempo em que o cara batia na sua porta e te oferecia uma demonstração do sabão Ajax. Agora você compra o sabão Ajax porque a Ana Maria Braga falou que é bom. Você compra o shampoo Capilex porquê o cara do BBB usou e traçou 3 sisters que acabaram saindo na Playboy

Advertising

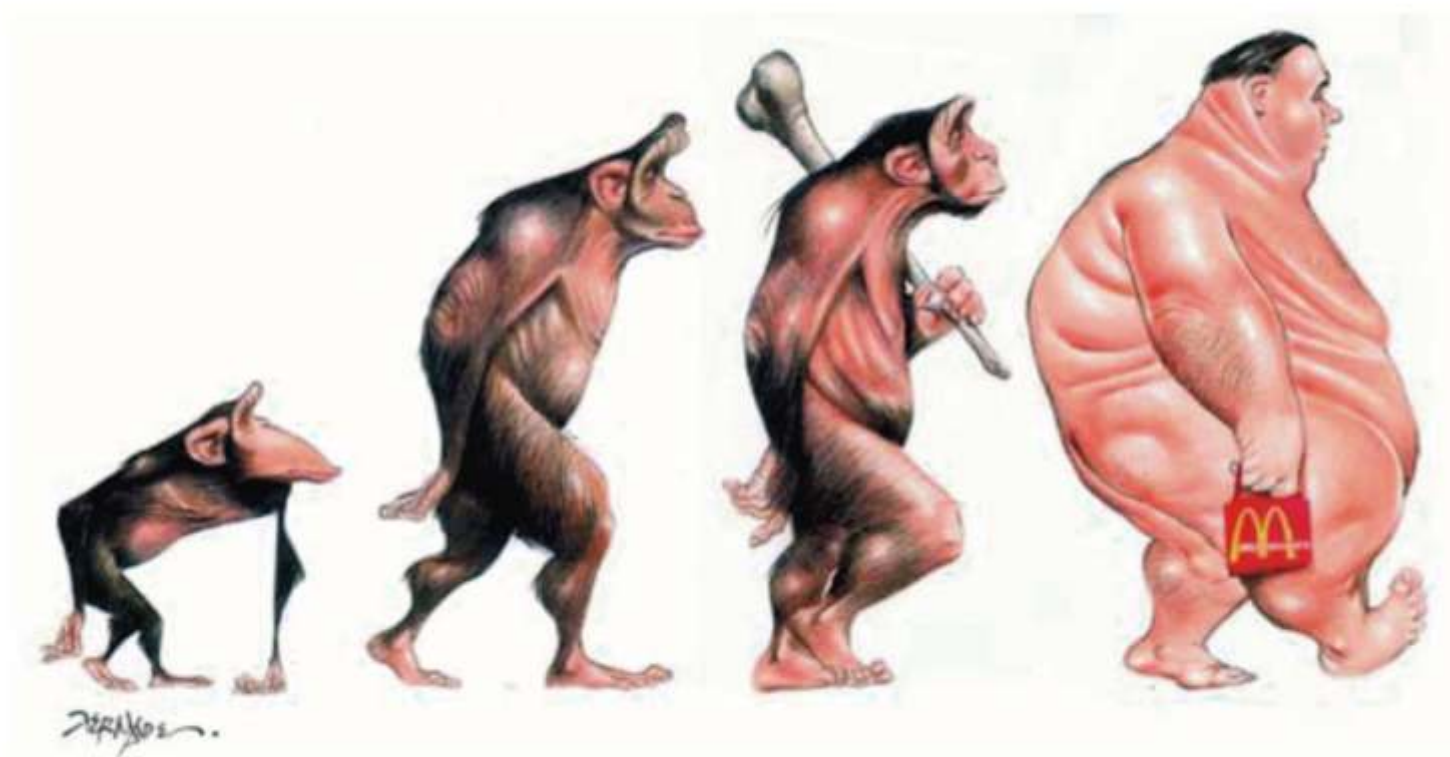
Mas você não é tão bobo assim. Você sabe o que é bom e não cai em kaô tão facilmente... Paga 300 réau a mais numa calça porque ela cai bem, e não porque ela tá sendo usada pelo vee-jay da MTV. Goebbels já falou que uma mentira repetida N vezes torna-se verdade. E é mesmo. Repita comigo: Não é uma brastemp não é uma brastemp não é uma brastemp não é uma brastemp

Só pare quando eu falar pra parar



Eu ainda acho que os diretores de arte das grandes agências são os legítimos sucessores de Andy Warhol. É pop art pura. Misturando sexo então, fica tudo. E eles vêem sexo em tudo. E te fazem enxergar sexo em tudo. Você sai pra comprar pão e volta a fim de transar. **Camilo**

Publicidade



Fernandes é chargista do Diário do Grande ABC, em Santo André (SP)

Vitallis

s a ú d e

CARATINGA INTEGRA A MAIOR REDE MÉDICA DE MINAS !

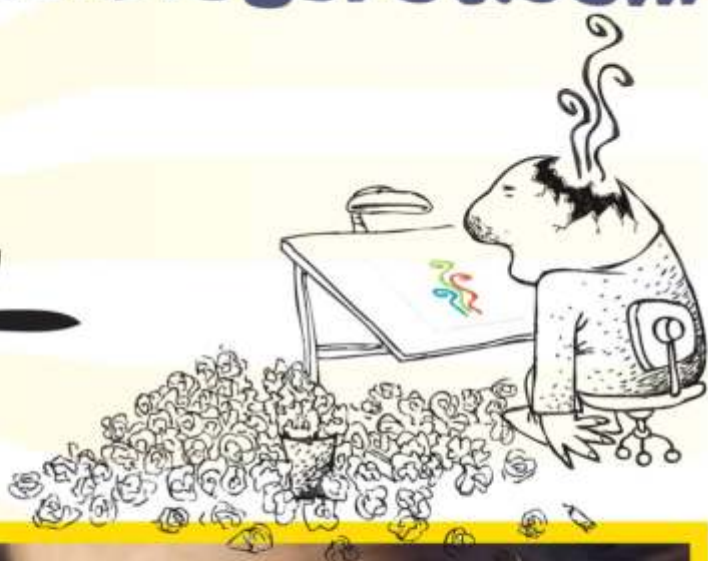
O melhor para
sua família e também
para sua empresa.
Consulte-nos!



(31) 2126-6800

www.vitallis.com.br Reg.ANS nº 41.303-8

Lex



Lex Franco é cartunista,
e nas horas vagas arrisca de
designer, ilustrador, chargista,
caricaturista e diagramador.

Apesar de ser natural de Caratinga,
e isso é natural, porque, hã terrinha
pra ser fértil em artistas! Trabalha
em Ipatinga, onde mora com sua
esposa Sabrina e sua filha Mirelle.



www.supercartun.blogspot.com
supercartun@hotmail.com

Tel. (31) 91165651



Caricatura do arquiteto
Oscar Niemeyer



Premiado na Argentina



Premiado na Republica Checa



Um bêbado foi fazer
alguns exames médicos.
Terminada a primeira etapa,
o doutor, preocupado com o
estado do paciente, pergunta:
- O senhor bebe?
E o homem sem pensar duas vezes:
- Pode colocar duas doses!



Agradeço ao Camilo pelo espaço de poder ter a liberdade de criar esta página

Os lunáticos estão na sala



Felipe Senra

Ilustração: Camilo

[Baseado em "The Magician's Birthday", do Uriah Heep]

Estavam os dois tentando me enrolar. Usavam a velha tática "um morde, outro assopra": enquanto um confirmava, o outro, simultaneamente, negava com convicção, desmentindo o que havia dito há menos de um minuto atrás. Éramos três na mesa, e já tínhamos consumido muitas cervejas naquela tarde.

A mesa não era exatamente um exemplo de fé. Havia dois ateus e eu, que não acredito, mas também não deixo de acreditar em nada - pelo menos até hoje - sendo que pra mim tanto faz se é Jesus, Buda, Tupã, Maomé ou o Maharishi. Ou, como diria o orkut, "tenho um lado espiritual independente de religiões". Justamente pra tentar essa minha descrença nas instituições religiosas, principalmente as cristãs ocidentais, os dois começaram a me testar.

Um deles disse que, apesar de não acreditar em nada, tinha medo de certas coisas desde que assisti "O

Sexto Sentido". Relatou que havia passado por um problema desde então, e que sua mãe procurara ajuda da medicina sem encontrar, de fato, uma solução. Desamparada pela literatura, procurou um médium.

Esse médium realizou seus procedimentos de praxe e disse, ao final da consulta: "Seu filho está tendo problemas para dormir". Foi aí que ele confirmou seu medo: o cara tinha adivinhado exatamente qual era o problema.

A essa altura eu já ria, e pedia pra ele parar, porque eu já tinha sacado que era mentira. Mas o outro componente da mesa confirmava e dizia "para de ficar contando isso, você sabe que não pode revelar". Aí é claro que eu ria mais, pois eram dois atores agora. Mas ele insistia em continuar o caso, argumentando que precisava contar aquilo pra mais alguém. Peguei outra cerveja enquanto, no fundo, rolava o **Dark Side of the Moon**.

De acordo com ele, a insônia se devia a uma suposta visão. Alguns dias após assistir ao “O Sexto Sentido”, ele foi a uma festa. Saiu dessa festa carregado pelo nosso terceiro componente da mesa, pois havia bebido demais. Como sua memória havia apagado, o terceiro continuou a história. Na verdade eu desconfiava que não tinha memória nenhuma apagada e que ele havia parado de contar pra não cair no riso, pois estava inventando tudo aquilo ali, ao vivo.

Os dois teriam ido parar no hospital. Após berros de “quero glicose!! Quero glicose!!” da parte do bêbado, e pedidos de desculpas aos demais integrantes da fila por parte do segundo, eles foram atendidos. Mas não conseguiram o que queriam, pois ele desistira de tomar a glicose quando soube que o atendimento apareceria na fatura do cartão do plano de saúde de seu pai.

Sem glicose, ele insistiu para ser levado até o cemitério. Queria visitar o túmulo de sua avó. Pularam o muro do cemitério naquela madrugada e, como estava bêbado demais pra achar o túmulo certo, ajoelhou-se e começou a beijar um túmulo qualquer. Quando ouviu alguns barulhos estranhos vindo de perto, tratou de dar o fora.

O segundo deixou o primeiro em casa são e salvo e foi embora. Foi aí que eu tive certeza de que era tudo mentira e cai na risada. O segundo entrou tanto no personagem que começou a tentar enrolar o primeiro também. Quando o suposto bêbado da suposta noite disse “não me lembrava de nada disso, nem sei como parei em casa, então foi você que me levou”, o segundo soltou um “pois eu me lembro de tudo, inclusive quem teve o orgasmo e quem não”. Disse isso olhando nos olhos do primeiro, que havia começado a mentira e que, durante uns dois segundos, tremeu achando que aquela parte fosse verdade.

Aquilo virou um jogo psicológico, pois estavam os dois achando que me enganavam, sendo que um deles começou a achar que enganava também o parceiro de mentiras que, por um instante, começou a acreditar que essa parte era verdade. Tudo isso sem que os dois soubessem que eu não tava nem aí pra ser feito de trouxa, eu estava é me divertindo analisando como os dois mentiam em sinergia.

Nisso, o primeiro já protestava dizendo que “não tinha isso de orgasmo não”, que essa parte era mentira. Foi aí que eu percebi que havia algo de verdade naquela história. Era a parte da festa. Ele realmente havia ido a uma festa e bebido demais, eles realmente tinham passado pelo hospital, ele tinha tentado tomar glicose, passado no cemitério, tido uma amnésia alcoólica e sido levado pra casa pelo segundo. Isso me confundiu e agora eu não tinha tanta certeza assim se a parte do médium era mentira também.

O segundo agora inventava detalhes sobre o orgasmo que um deles havia sentido, e o primeiro ficou totalmente desorientado: não sabia se continuava a mentira, se confirmava, se negava, se ele estava só inventando tudo pra que eu ficasse mais confundido ainda ou se era pra tentar pegar nós dois. E o pior, ele tinha medo que aquela parte do orgasmo fosse verdade. Claro que chegou a um ponto onde os dois estavam rindo descaradamente, e eu falei pra parar com aquilo, pois eles haviam se entregado.

Mas aí o primeiro prosseguiu, afirmando convenientemente que agora iria continuar com a parte verdadeira da história. Disse que, de madrugada, após acordar em casa sem saber como havia chegado da festa, ele abriu os olhos, ainda na cama, e deu de frente com um cara. Essa cara se vestia como punk, usava cabelo moicano verde, calça rasgada e jaqueta de couro preta cheia de fincos. Estava no escuro em pé, na frente da cama, olhando para ele.

Como uma das primeiras reações de vários animais, incluindo o ser humano, diante de uma situação de perigo é ficar paralisado, ele só conseguiu balbuciar para o estranho visitante: “E ai, cara. O quê que você quer? Eu posso te ajudar?”. Depois de ouvir isso, o tal punk correu alguns passos dentro do quarto e mergulhou no chão, desaparecendo como se ali houvesse um portal. Confesso que me assustei.

Ele dizia que, depois do ocorrido, ficou o resto da madrugada acordado, apavorado até o sol nascer, para confirmar que aquilo não era um sonho. Nisso, o segundo começou a se impressionar com a forma como o primeiro contava a história e eu desconfio que ele passou a acreditar naquilo. O primeiro encerrou a história dizendo que, sem conseguir dormir nas noites seguintes, procurou médicos e remédios, mas nenhum resolveu. Quando sua mãe o levou ao tal médium, o cara adivinhou que ele estava passando por problemas para dormir. Credo.

Agora o segundo, arrepiado, dizia: “Então isso quer dizer que o punk pode voltar. Ele deve estar precisando da sua ajuda, já que você a ofereceu sem saber de nada. O túmulo que você beijou aquele dia então era o dele”. Como agora o jogo havia se invertido, e o primeiro enganava o segundo achando que enganava todo mundo, eu resolvi mandar os dois calarem a boca. Papo de bêbado tem limite. Até porque, neste momento, como se minha vida fosse *O Mágico de Oz*, o Pink Floyd cantava, na música Brain Damage “... O lunático está na sala/ os lunáticos estão na minha sala...”.

Por via das dúvidas, desliguei o **Dark Side of the Moon**. Eu, hein.

Felipe Senra é jornalista e filho do editor da Jararaca, mas não é por isso que seus textos sempre saem em página dupla com ilustração bacana.

Prato. sujo

Fernanda Cordeiro

Não será o amor um prato sujo
Que se cospe, que se come.
Que mesmo sem nome
Encontra o endereço?
Que sem apreço
Vira azulejo sujo,
E lodo no banheiro?

Pode ser que o amor
Seja uma florzinha barata
Uma janelinha vermelha
Uma centelha dum poema
Que cai na terra, vira brasa.
E lá se vão vida e meias

Não será o amor
O que todo bêbado
Procura na cerveja?

Pode ser que o amor
Seja aquele mar,
Mar de junho.

Pode ser que ele nem seja
Aquele que vai te partir ao meio

O amor é cantar o vento
Garantir sustento
Ver em lentes de aumento
Todos os defeitos

A nova colaboradora
da J.A. Fernanda Cordeiro
é poesia pura

LAJES E PREMOLDADOS

L.O.V.

Fone: (33) 3322-2700 - Fax: (33) 3321-1246

Av. João Caetano do Nascimento, 591 B - B. Limoeiro Caratinga - Minas Gerais

Todo mundo sabe que o fundador da Jararaca Corps, Tio Camilo, desenvolveu um saber babilônico e nefelibatal, que usa para orientar seus pupilos que procuram seu saber mediúnico para solucionar os mais diversos problemas, desde o sentido da vida até uma prosaica unha encravada. Mas só agora ele abriu seus arquivos secretos para que todos possam saber de sua história e de como ele chegou até aqui. A JARARACA ALEGRE orgulhosamente apresenta a série

A vida secreta do Tio Camilo Capítulo 01

1968: o verão do amor

Em 1967, todas as atenções estavam voltadas para San Francisco, Califórnia, onde estava tendo início o movimento hippie, com o que ficou conhecido como o "Verão do Amor". Junto a Alen Ginsberg, Jim Morrison e Robert Crumb, Tio Camilo colocou toda a estrutura da Transarte Produções à disposição da comissão organizadora do Festival de Monterey, onde a guitarra de um negão pegou fogo e entrou em curto-circuito, dando choque numa texana que estava por perto, a qual começou a gritar e ganir absurdamente, criando ambos um novo jeito de tocar guitarra e de cantar, projetando os dois mundialmente sob os nomes de Jimi Hendrix e Janis Joplin.

Tio Camilo acabara de chegar de uma viagem de submarino amarelo à Índia, junto aos Beatles, Mia Farrow e seu bebê de Rosemary, Ravi Shankar e Riquete, onde foram conhecer a meditação transcendental do guru Maharishi. Percebendo que o guru era um grande impostor, Tio Camilo apresentou John Lennon a uma japonesa que estava por lá, dando uma de artista plástica, e falou com ele: "vai azarar umas mulherzinhas, esse guru só fala abobrinhas". Diante das sábias palavras do guru camila!, Lennon sumiu no mundo com a japonesa. O problema é que o Tio Camilo esqueceu de avisar que a japonesa era só pra comer, e Lennon acabou casando com ela, deixando na mão os outros Beatles que, inconformados, acabaram entrando para os Rolling Stones.

Com toda a bagagem trazida desta viagem, Tio Camilo estava pronto para entrar numa trip de Lucy in the Sky with Diamonds, que é o que estava rolando naquela San Francisco pirada. Aproveitando a estada junto ao Maharishi, Tio Camilo funda a seita que, mais tarde, viria a ser conhecida como "Comunidade Cosmogônica Fundamentalista Ordinária e Transcendental para a Busca do Conhecimento da Essência do Ser Diante do Nada Rumo ao Crescimento Interior do Tio Camilo", a CCFOTBCESDNRITC. Como a sigla era muito grande, gastando muito decádry e letraset pra fazer as artes em silk para as camisetas da comunidade, ela foi abreviada para "Comunidade Cosmogônica do Tio Camilo", ou simplesmente "CC do Tio Camilo".

A parte financeira da comunidade era gerida pela Transarte Prod., que doava toda a verba para entidades beneficentes, como a Fundação "Mais Discos para o Tio Camilo", "Associação Filhos da Luz do Tio Camilo", "Associação Pinga com Torresmo no Quinzinho", "Bagulho para Todos" e a mais importante: "Salvem as Baleias, Levem Minha Sogra de Volta para Alto Mar". A comunidade chegou a contar com centenas de milhares de jovens hippies, que sonhavam com paz, amor e cannabis sativa o dia inteiro, entre eles um rapaz chamado Bill Clinton, que fumava mas não tragava. Sua preferência, mais tarde, passou a ser charutos, o que o projetou mundialmente, levando-o a ser eleito presidente de uma republiquetinha de banana no hemisfério norte.

Paralelamente, o sucesso da Transarte na organização do Festival Monterey Pop levou a empresa do Tio Camilo a ser contratada para organizar um outro, na costa leste, numa fazenda chamada Woodstock, em Betel, N.Y. O problema é que o "Verão do Amor", provocado pela revolução sexual causada pela pílula anticoncepcional, acabou transformando-se no "Verão da Doideira", e todo mundo começou a ficar doído o dia inteiro. Na tal fazenda, só tinha maconheiro safado semvergonha, cabeludo e usando roupas psicodélicas, faixas na cabeça e calças boca de sino. O pessoal começou a chamar a festa de "rockonha", e quando a polícia chegou, todo mundo colocou a culpa num tal João de Santo Cristo e seu amigo Jeremias, que fizeram todo mundo dançar.

A seita do Tio Camilo, depois desse incidente, passou a ser malvista pela sociedade, e a presidente da Liga Nacional pela Moralidade, Dona Dercy Gonçalves, decretou a prisão preventiva do nosso amado guru, por charlatanismo. Mas Tio Camilo, graças aos tentáculos de sua seita espalhados pelo mundo inteiro, conseguiu asilo político-religioso num progressista país do Caribe, onde, junto a outros negões cabeludos, pôde incorporar à sua doutrina os conhecimentos rastafarianos preconizados por Bob Marley, Peter Tosh (o "Tosh Humana") e Joãozinho Taruira, a Lagartixa Psicodélica. Mas isto nós veremos em um outro capítulo.

A SEGUIR:

Tio Camilo declara ao mundo: "O sonho acabou. Mas ainda tem um pouco de chá de cogumelo na geladeira" 39

Durante toda a adolescência meu sonho foi ganhar um violão folk preto. Este tipo de instrumento se presta muito bem à pose de rebelde de quem não toca guitarra ou não tem dinheiro pra comprar uma. O caso é que mesmo tendo banda de rock, todo mundo sempre me pedia: "toca Adriana Calcanhoto", ou ainda, "canta Marisa Monte", "sabe aquela da Nara?" e isso prosseguia por toda a noite. Ai, muito contrariada, eu cantava 'Esquadros' e ouvia de longe: "igualzinha!".

Pudera, de posse do meu violão clássico não tinha falta de postura nem roupa velha que resolvesse o trocadilho (a voz aguda também contribuía). Logo eu que sonhava em ter voz forte, usava calça rasgada e

Renata Cordeiro

Mudança de Estilo

só aparava as pontas do cabelo uma vez por ano (a intenção era lembrar a Alanis).

Pois bem, a crise adolescente já quase passava quando acordei com o celular tocando. Era minha mãe avisando que a loja de instrumentos estava em promoção e que ela ia me ajudar a comprar um bom violão elétrico.

Lá fui eu, toda feliz em busca do instrumento caixudo, de braço fininho e cordas de aço brilhantes, que acabassem com os meus dedos de uma vez por todas (nunca gostei de paleta).

Para quem ainda não teve este prazer, é bom explicar que comprar instrumentos musicais é uma atividade muito agradável. Sim, porque com a carta na manga, que é a compra final, tudo pode ser testado. Até mesmo aquele violoncelo caríssimo, que você não faz a menor idéia de como segurar mas sempre sonhou em botar a mão.

Testei todas as cordas de infinitos violões, violas e violinos de diversos tamanhos, formatos e cores. Coisas que o meu dinheiro nem sonhava em pagar. Depois de umas três horas de teste, quando já levava para o caixa a minha escolha preta e rebelde, escutei uns acordes que vinham do fundo da loja.

Lá, atrás de tudo um careca de calça jeans e camisa branca tocava um instrumento também preto mas muito mais leve que a minha escolha. Os dedos dele brincavam de amarelinha, do primeiro ao último traste sem qualquer sinal de afobamento. Dessa brincadeira saía um João Gilberto inteirinho. Era impressionante.

Fui me aproximando devagar até que de uma hora pra outra o som parou. Ele estendeu o braço segurando o violão, olhou pra mim e falou: "eu vi você tocando, não quer testar esse aqui?".

É lógico que eu fiquei com vergonha de tocar na frente dele, mas me contive e tentei, arrancar tremendo, um lá menor tímido. Era a primeira vez que eu encostava os dedos, cheios de calos, em cordas macias de nylon e confesso que fui muito bruta.

Um instrumento como aquele não merecia ter o som arrancado. O acorde tinha que ser milimetricamente estudado pra sair suave e preciso. Era imprescindível deixar que a madeira também participasse do som. Pobres dos meus jovens dedos incautos, precisavam aprender a delicadeza ainda.

O violão tinha a caixa fina mas nem tanto, era preto com as quinas laqueadas em branco de forma muito discreta, as cordas eram de nylon escuro e o braço era bem alto e ao mesmo tempo pouco profundo. O arco do polegar encaixava perfeitamente, enquanto os outros dedinhos ficavam livres pra tocar em casas enormes. Uma maravilha. Comprei.

Depois disso, estudei bossa nova o quanto pude, e Chico também. Deixei de lado a vida de aspirante a roqueira e me dediquei a coisas mais delicadas. Ainda escuto guitarras e cordas de aço mas me perdi desse caminho.

Tenho que admitir, o careca era um vendedor talentosíssimo.

Renata Cordeiro escreve, compõe, toca e está aprendendo a fritar bolinho. Seu blog: www.extraordinario.blogspot.com



GUERRILHEIROS DA MENTIRA

Hermínio Prates

Encontrei entre os guardados uma deliciosa crônica do poeta Sérgio Antunes, publicada pelo Estadão, que fala dos inventos e desinventos que fazem parte da história do homem, nessa louca corrida não se sabe para onde. Ele começa nos lembrando que “houve um tempo em que os homens usavam chapéu. As casas tinham um porta-chapéu, nos filmes antigos é possível ver que o galã esquecia o chapéu. Difícil de esquecer, aliás. Não saía da cabeça nem nas brigas mais violentas... hoje ninguém mais usa. Só mariachis e eu, quando me disfarço de cronista. Decididamente, desinventaram o chapéu”.

E o cronista segue brincando com os modos da moda, as idas e vindas nesse mundo de consumistas irrecuperáveis. Leia outra vez, escrevi “consumistas” e não comunistas, que já foi sinônimo de perseguido, hoje é grife de pseudos esquerdistas, bem postos na vida.

Outro dia abordei esse modo de se ver as coisas, digo, o atual “dolce far niente” de senhores sessentões que passam de ex-guerrilheiros, ex-torturados, ex um punhado de coisas (que nunca foram), mas que hoje rende dividendos políticos, boquinhos bem remuneradas na máquina estatal e até a admiração de jovens universitários quando esses heróis de mentirinha fazem “palestras” nas salas de aula.

Claro que muitos sofreram, inúmeras foram as vítimas, poucos escaparam da sanha assassina dos homens de botina. Os mártires merecem o reconhecimento; os espertalhões nunca. E os espertinhos são muitos, mais do que os primeiros. Quem quiser que faça as contas: se a guerrilha tivesse contado com tantos que hoje posam de heróis, a esquerda teria vencido. Mas não foi assim...

Há muito tempo falei sobre o assunto no microfone da Rádio Inconfidência, durante um programa apresentado pela chefe de Jornalismo, Elenice La Guardia e pelo veterano Fábio Vieira. A dupla fez um excelente trabalho e produziu rico acervo com os profissionais do rádio. Depois de um século sem ver o Fábio Vieira, em um dia qualquer perdido na memória atendi o telefone e era ele, o antigo repórter da finada Guarani AM (não confundir com a Guarani FM, que nunca foi finada e continua muito boa). Após os costumeiros “com vai, tudo bem?”, recebi o convite para participar do programa deles. Nunca me julguei possuidor de mérito para tanto, mas diante da possibilidade de rever o ex-colega do Diário de Minas e da boa turma com quem convivi durante o tempo em que tentei chefiar o Departamento de Jornalismo - além do prazer de prostrar com a Elenice - lá fui eu para a Rádio Inconfidência.

No meio das muitas perguntas e respostas, surgiu a inevitável indagação sobre a nefasta ação da censura nos negros tempos da ditadura. Essa, a censura, claro que houve, mas já ouvi muita gente por aí falar muita bobagem, narrando atos heróicos, coisas que não aconteceram, muito menos com eles, beneficiados que são pela falta da memória nacional.

Até que dá para entender, afinal o exemplo vem de cima. Todos conhecem a história de um certo professor, para quem um bem ensaiado lobby produziu o título de “príncipe dos sociólogos”. Pois esse príncipezinho de araque, filho bem nascido de berço militar, “fugiu” para o exterior já com bom em-

já com bom emprego arranjado, viveu lá fora numa boa e voltou quando quis, pois o nome da família garantia a impunidade, se algum crime houvesse. Voltou, reforçou os conceitos socialistas, escreveu, publicou e se transformou, de acordo com as conveniências, em um democrata. E, por favor, ponham aspas nesse “democrata”. Afinal, ele apenas favoreceu politicamente com a pose de socialista, mas daquele socialismo de sala vip, e não, como escreveu o Ariano Suassuna na Folha de S. Paulo, que “devemos olhar para o Brasil ... para seguir e aprofundar (no campo social, político e econômico) o caminho indicado por Antônio Conselheiro - aquele socialismo-de-pobre que, para nós, foi uma picada aberta em direção ao sol de Deus”.

O sociólogo, vocês sabem, fez pose no Senado, por um nada quase foi ministro do Collor, deu sorte com o Itamar e acabou presidente dessa terra, onde já não canta o sabiá - a ave perdeu as asas da liberdade e foi abatida pelo bodoque da privatária.

Falei dos desinventos? Pois mesmo depois de gastar tantas linhas citando a politicalha em um texto que se pretende sério, ainda dá para citar outra desinvenção: a coerência foi para o beleléu, fulminada pela mosca azul do poder que infectou o ex-irado barbudo das ingratas causas, hoje travestido de presidente bem comportado.

Outra desinvenção: aquelas bolsas enormes que os homens usavam penduradas no ombro ou as menores, que também eram um trambolho e que as pessoas quase sempre esqueciam nos lugares mais esquisitos. Desinventaram as duas, mas antes que isso acontecesse, o jornalista Sylvio Abreu, que publica tantas coisas por aí, bateu o recorde mundial: ele usava a maior capanga a tiracolo que já vi. Diziam os mais ferinos que daquela sacola - sempre com um jornal dobrado para ser lido em casa - podiam sair os mais inesperados objetos: folhetos de cordel, LP de Mercedes Soza, bonecos cangaceiros do mestre Vitalino, cordas da viola do Chico Buarque, fios do antigo bigode do Brizolla e o até hoje indispensável trim.

Sim, o simplório trim. Como cortar as unhas da mão direita sem um trim? Dizem que muitos se casaram só para ter alguém para cortar as unhas da mão direita - ou da esquerda, se fosse o caso. Afinal, quem, além do Zé do Caixão, iria querer usar garras vampírescas?

Tai, outra desinvenção: o Zé do Caixão foi atropelado pela incredulidade dos filhos da internet.

Ou, como diz Wagner Martins, doublé de jurista e escritor:

Fritar torresmo sempre foi uma arte...

Hermínio Prates estreia na Jararaca Alegre. Publica no Pauta, jornal do Sindicato dos Jornalistas, Serra Geral [de Janaúba], Jornal da Esquina [de Caratinga] e no www.jornalistasdeminas.org.br

Um dos maiores erros cometidos pelos leigos em assuntos étlicos é posicionar inadequadamente o cidadão alcoolizado na hierarquia bebunística. Por desconhcerem que há critérios técnicos regulamentados pelo Incopo, costumam chamar, às vezes, um simples biriteiro de pau-d'água ou um pinguço de pé-de-cana. Quanta ignorância! Bebum, pinguço e biriteiro são apenas "estágios" ou "posições hierárquicas", alcançadas de forma meritória com muito denodo e competência. Tomar um porre todo mundo toma, porém, ter status étlico é outra coisa. Conheça agora as categorias da hierarquia étlica:

De "bêbado" a "papudinho":

BÊBADO



É a patente mais insignificante da escala, mesmo porquê, não chega a ser um profissional. A coisa aí é definida pelo verbo de ligação: normalmente o sujeito **ESTÁ** bêbado, ele não **É** bêbado. É como os ministros. Eles não são ministros, eles estão ministros, o que também não impede que o ministro seja ou esteja bêbado. É o pé-de- chinelo da escala. O bêbado, não o ministro, é claro! Mesmo porque, o bêbado costuma fazer menos estrago.

BIRITEIRO



É o cara que, depois de alguns porres, acaba se interessando pela carreira e começa a praticar a bebunagem com regularidade. Como o fígado ainda está tinindo e a família achando que aquilo é só uma "fase passageira", ele vai metendo os cornos devagarinho. Toma três hoje, duas amanhã, pára no domingo, recomeça na terça, vomita na quinta, toma boldo na sexta, e vai indo... Como ainda não tem certo domínio sobre o álcool, acaba fazendo merda. E depois da primeira, é uma atrás da outra, para alegria dos cunhados canalhas.

BEBUM



É uma patente acima do biriteiro. Mais constante e mais previsível, quanto às cagadas que costuma aprontar, o bebum é aquele cara que vive pagando mico, para a vergonha da esposa e felicidade da sogra. Pode ser "sistemático". Faz merda todo dia, ou "assistemático", o que não faz mais merda, pois já tem o suficiente em estoque.

PINGUÇO



O que faz com que um bebum seja elevado à categoria de pinguço é o horário em que passa a adentrar no recinto cachacístico. O bebum é um notívago por excelência, quer dizer, só costuma molhar o chifre à noite, enquanto o pinguço é um "tardívago"; começa na hora que seria do almoço. Seria, mas não é. Almoço, para pinguço, é perda de tempo. Só pode ter sido invenção de crente.

PAU-D'ÁGUA



É o pinguço que já perdeu o respeito da vizinhança. Embora seja uma patente alcoólica de grande carisma, a expressão "pau-d'água" é usada por muitos abstêmios como adjetivo pejorativo. E isso é sacanagem. Se o pau-d'água fosse da família deles seria "vítima do alcoolismo", agora, como não é... É o mesmo preconceito que muita gente tem contra a viadagem: se for da nossa família é "homossexual", mas se for da família do vizinho é "viado", "bichona sem-vergonha".

PÉ-DE-CANA



É o pau-d'água pobre. O cara rico, de porre, é extravagante; o pobre é impertinente. Se for rico fica eufórico; se for pobre faz vergonha. Rico fica alegre; pobre enche o saco. Rico agita a madrugada; pobre enche os culhões. Não tem como escapar! Só enchendo os cornos para esquecer o preconceito...

PAPUDINHO



É a maior patente da escala, o último e derradeiro degrau. É quando a cara incha de vez, os olhos empapuçam, o passo fica curto, os pés engordam, as mãos vacilam, a voz se arrasta e até o anjo da guarda dá no pé.

Geralmente é um solitário. Bebe sozinho, cai sozinho, mija nas calças sozinho, e fica babando no sereno até que uma alma caridosa, normalmente um outro papudinho, se ofereça para ajudar. Ocorre que, muitas vezes, o outro papudinho está ainda mais mamado e acaba caindo também. Aí, para levantar dois papudinhos são necessários outros dois papudinhos, que quase sempre não aparecem já que estão caídos mais adiante. Daí então, só de revolta, resolvem formar mais uma dupla sertaneja só para torrar de vez com o saco dos brasileiros. "Eu mooorro de amooooor por elaaaa e elaaaaaaaaa nem aiiiiiii... Porisso eu bebo pacaralho, bebo pacaralho, bebo pacaralhooooooooooooo"...

Além destas sete patentes, há algumas outras posições intermediárias como sub-bebuns, terceiros, segundos e primeiros-pinguços, biriteiros de corveta etc., mas que são estritamente corporativas e servem tão somente para efeito de promoção. Figuras como o "ébrio", por sua vez, não são mais reconhecidas como patente. O ébrio, para quem não sabe, é o bebum em desuso. Ainda há alguns poucos remanescentes no mercado cujas famílias os prendem em casa para evitar que façam merda na rua. Os poucos que ainda existem funcionam à válvula, já perderam o contraste e têm sérios problemas com o vertical.

O FIM DO MUNDO

Orlando Bianchini

Certo dia, um fato curioso aconteceu. Todos os homens, no mundo inteiro, perderam a capacidade de falar. Esqueceram. Ficaram mudos. E, para completar a desgraça, desaprenderam a ler e a escrever.

No começo foi só um susto. Um olhava para o outro, queria dizer alguma coisa, a língua enrolava, batia nos dentes, e saíam apenas miados, latidos, relinchos, zurros, ornejos pios, chilreios, blaterações, barulho de toda espécie. Menos palavra.

Seu Vicente, atrasado para o trabalho, procurava desesperadamente as chaves do carro e, girando a mão direita, pedia à esposa:

- Au-uau-au...rrrrrrrrrrrr...

A mulher, sem entender nada, mas querendo ajudar, respondia fininho, carinha de “que será, meu Deus?”

- Miau!..Miau!... E trazia uma chave de fenda.

Na mercearia da esquina, há mais de quinze minutos, a empregada gesticulava e grunhia com impaciência, querendo meio quilo de café. O vendedor oferecia sabão em pó, macarrão, caixa de fósforos, amendoim, chicletes, papel higiênico... coçava a cabeça e coaxava nervoso. Enquanto isso, na fila que já saía pela porta, uma senhora gorda e cheia das cores grugulejava, irritada com sua garotinha que não parava de zumbir.

Nas ruas, os carros, esquecidos dos sinais de mão e contramão, sem saber mais o que era verde ou vermelho, rangiam freios, batiam à vontade, entravam pelas lojas, subiam em postes, um pandemônio geral. Os motoristas punham a cabeça para fora, levantavam os braços e trocavam rosnados ameaçadores.

Desagradável também foi quando o professor abriu a boca para começar sua aula de linguagem e soltou um retumbante mugido, capaz de fazer inveja a qualquer vaca premiada. Os alunos, satisfeitíssimos com aquela curiosa manifestação de cultura, deram o ar do seu agrado com rinchos, relinchos e zurrinchos.

Em algumas horas o mundo se acabava. Sem se entenderem, os homens começaram a se agredir, inicialmente com uivos raivosos e regougos gagos, depois com socos e pontapés, zunhadas, mordidas e remordidas. Zuretou tudo. Em pouco tempo não restava um só prédio em pé. Pontes caíram, trens descarrilaram, bombas explodiram, adeus mundo ...

Sobrou apenas um papagaio velho, caduco, arrepiado com toda aquela confusão. Rodava meio tonto em cima de um toco de poste retorcido, estalando as últimas palavras no silêncio mortal da humanidade:

- Bem dizia meu avô: “Quem não fala, cala e rala!...” Segura o pé, louro!

Mas não conseguiu segurar.

Depois de um rodopio frenético, despencou do poste e caiu duro, morto de velhice e solidão.

Orlando Bianchini [in memoriam] foi editor de texto da Revista Sagarana. Este texto foi gentilmente cedido a J.A. pela sua filha, Daniela Bianchini

ASSALTARAM A GRAMÁTICA

Era a terceira vez que aquele substantivo e aquele artigo se encontravam no elevador. Um substantivo masculino, com um aspecto plural, com alguns anos bem vividos pelas preposições da vida.

E o artigo era bem definido, feminino, singular: era ainda novinha, mas com um maravilhoso predicado nominal.

Era ingênua, silábica, um pouco átona, até ao contrário dele: um sujeito oculto, com todos os vícios de linguagem, fanático por leituras e filmes ortográficos. O substantivo gostou dessa situação: os dois sozinhos, num lugar sem ninguém ver e ouvir. E sem perder essa oportunidade, começou a se insinuar, a perguntar, a conversar.

O artigo feminino deixou as reticências de lado, e permitiu esse pequeno índice. De repente, o elevador pára, só com os dois lá dentro: ótimo, pensou o substantivo, mais um bom motivo para provocar alguns sinônimos. Pouco tempo depois, já estavam bem entre parênteses, quando o elevador recomeça a se movimentar: só que em vez de descer, sobe e pára justamente no andar do substantivo. Ele usou de toda a sua flexão verbal, e entrou com ela em seu apostro.

Ligou o fonema, e ficaram alguns instantes em silêncio, ouvindo uma fonética clássica, bem suave e gostosa. Prepararam uma sintaxe dupla para ele e um hiato com gelo para ela. Ficaram conversando, sentados num vocativo, quando ele começou outra vez a se insinuar.

Ela foi deixando, ele foi usando seu forte adjunto adverbial, e rapidamente chegaram a um imperativo, todos os vocábulos diziam que iriam terminar num transitivo direto.

Começaram a se aproximar, ela tremendo de vocabulário, e ele sentindo seu ditongo crescente: se abraçaram, numa pontuação tão minúscula, que nem um período simples passaria entre os dois.

Estavam nessa ênclise quando ela confessou que ainda era vírgula; ele não perdeu o ritmo e sugeriu uma ou outra soletrada em seu apóstrofo.

É claro que ela se deixou levar por essas palavras, estava totalmente oxiônica às vontades dele, e foram para o comum de dois gêneros.

Ela totalmente voz passiva, ele voz ativa. Entre beijos, carícias, parônimos e substantivos, ele foi avançando cada vez mais: ficaram uns minutos nessa próclise, e ele, com todo o seu predicativo do objeto, ia tomando conta.

Estavam na posição de primeira e segunda pessoa do singular, ela era um perfeito agente da passiva, ele todo paroxitono, sentindo o pronome do seu grande travessão forçando aquele hífen ainda singular. Nisso a porta abriu repentinamente. Era o verbo auxiliar do edifício. Ele tinha percebido tudo, e entrou dando conjunções e adjetivos nos dois, que se encolheram gramaticalmente, cheios de preposições, locuções e exclamativas. Mas ao ver aquele corpo jovem, numa acentuação tônica, ou melhor, subtônica, o verbo auxiliar diminuiu seus advérbios e declarou o seu participio na história.

Os dois se olharam, e viram que isso era melhor do que uma metáfora por todo o edifício.

O verbo auxiliar se entusiasmou e mostrou o seu adjunto adnominal. Que loucura, minha gente. Aquilo não era nem comparativo: era um superlativo absoluto. Foi se aproximando dos dois, com aquela coisa maiúscula, com aquele predicativo do sujeito apontado para seus objetos. Foi chegando cada vez mais perto, comparando o ditongo do substantivo ao seu tritongo, propondo claramente uma mesóclise-a-trois. Só que as condições eram estas: enquanto abusava de um ditongo nasal, penetraria ao gerúndio do substantivo, e culminaria com um complemento verbal no artigo feminino.

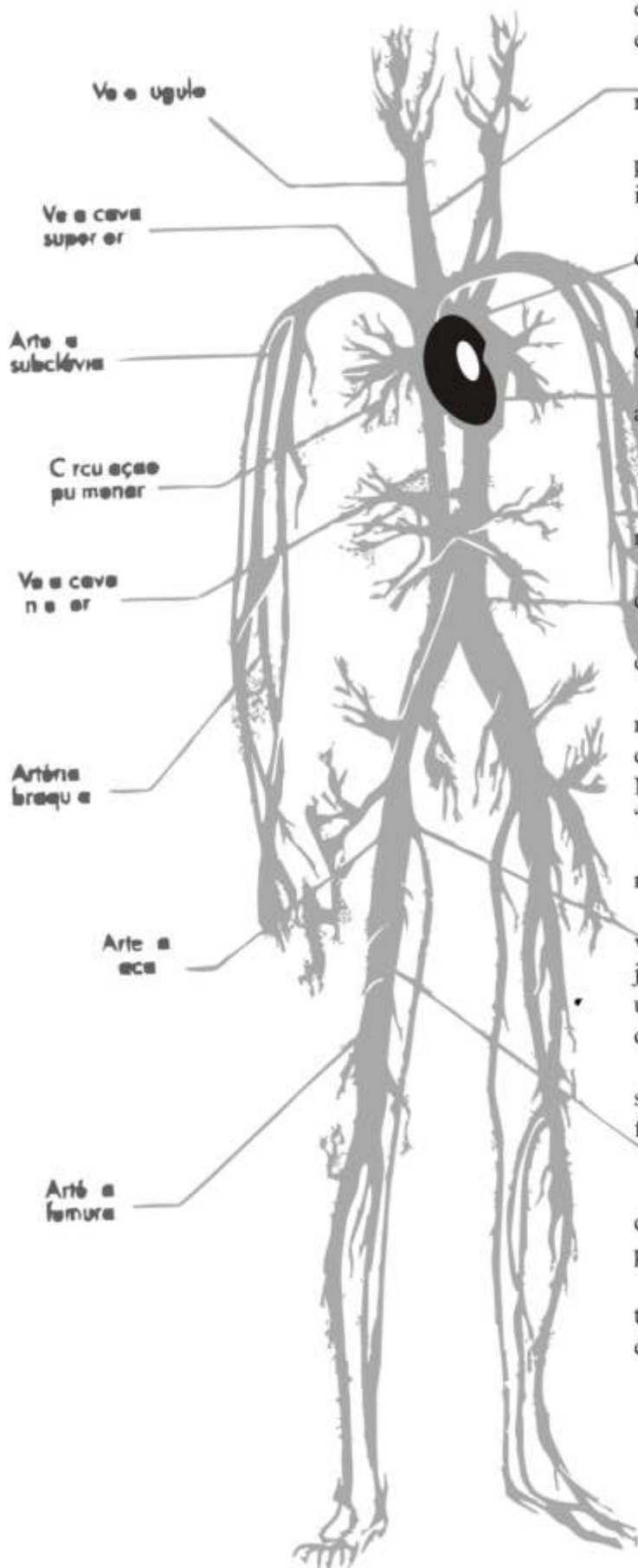
O substantivo, vendo que poderia se transformar num artigo indefinido depois dessa, pensando em seu infinitivo, resolveu colocar um ponto final na história: agarrou o verbo auxiliar pelo seu conectivo, jogou-o pela janela e voltou ao seu trem, cada vez mais fiel à língua portuguesa, com o artigo feminino colocado em conjunção coordenativa conclusiva.

REDAÇÃO DE UMA ALUNA DA UFPE
(Universidade Federal de Pernambuco)
Esse é um daqueles troços que vêm
por e-mail e que a gente TEM
que passar pra frente. E tem tanto
tempo que nem sei mais quem mandou

Socorro, eu não estou sentindo nada

Barroso da Costa

Ilustração: Camilo



Tudo havia começado logo pela manhã, enquanto tomava meu café.

Sentia-me meio estranho e, mal levei a xícara à boca, veio uma pontada pouco abaixo das costelas. A dor foi tão aguda que me enverguei, colocando a mão onde eu imaginava ter-se dado a estocada. A xícara quase me escapou.

Endireitei-me, ajeitei a camisa nas calças, bebi meu café num gole, peguei o paletó e tomei o rumo da garagem.

Descendo pelas escadas, notei que o desconforto permanecia. Do lado esquerdo, abaixo das costelas, as coisas não iam bem.

Aquilo me preocupava. Se a coisa se agravasse, talvez nem desse tempo de tomar uma atitude.

Passei pela faxineira, que me cumprimentou. Olhei para ela, letárgico, e balbuciei alguma coisa que estava longe de ser um cumprimento.

Ela perguntou se me sentia bem. Balancei a cabeça, afirmativamente, já entrando no carro.

Fazia calor, mas eu estava frio por dentro.

Afrouxei a gravata e dei a partida.

Saindo da garagem, liguei o rádio. Parecia que as coisas melhoravam. Já respirava melhor.

Cinco quarteirões à frente, uma nova pontada, muito pior que a primeira.

A boca secou instantaneamente. Tinha de voltar para a casa, era minha única esperança.

O suor descia pelas têmporas. Os pensamentos se cruzavam numa velocidade impressionante, mas as pessoas na rua pareciam estar em slow motion. Encerrei-me numa espécie de autismo.

No rádio, a Gal, com sua voz aguda como minha dor, cantava: "Socorro, eu não estou sentindo nada..."

Tive ódio dela, mas não tinha tempo de tentar desligar o rádio.

Passei por um cruzamento sem parar. Olhando de lado, pude ver um motorista de táxi que lentamente projetou sua cabeça pela janela, ergueu o dedo médio da mão esquerda, mexendo a boca de uma forma raivosa. Mas eu não ouvia nada, além de sons guturais e desconexos.

Eu já quase não conseguia dirigir, meus braços pareciam sem controle. A dor tomava todo meu tórax e minhas entranhas faziam um barulho esquisito, borbulhante.

Comecei a salivar.

Entrei na garagem, parei o carro meio enviesado e subi, cambaleante, as escadas do prédio, sem responder ao que tinha me perguntado a faxineira, que parecia assustada.

Parei diante da porta dos fundos. O molho de chaves teimava em cair das minhas mãos trêmulas e suadas, mas consegui entrar no apartamento e chegar ao banheiro.

Apoiei-me na pia e, semi-consciente, caí sentado no vaso.

Putaquepariu, que dor de barriga...

Barroso da Costa é integrante
d'OS IMPUBLICÁVEIS.
Camilo é o Camilo mesmo.
www.osimpublicaveis.com.br

SESSÃO FELIZ ANIVERSÁRIO!

Síndrome dos

40 anos

Todos os que já passaram dos 40, um abraço. E quem não passou, não ria e tenha esperança, pois um dia vai chegar lá! Para quem já passou dos 40 ou está com os mesmos sintomas, acabaram de descobrir o diagnóstico desta síndrome. Explico melhor:

- > 1. Outro dia decidi lavar o carro: peguei nas chaves e fui em direção à garagem, quando notei que tinha correspondência em cima da mesa.
- > 2. OK, vou lavar o carro, mas antes vou dar uma olhadinha, pois pode ter alguma coisa urgente.
- > 3. Ponho as chaves do carro na escrivaninha ao lado e, olhando o correio, vejo que tem algumas contas para pagar e muita propaganda inútil, que decido jogar fora, mas vejo que o cesto de lixo está cheio.
- > 4. Então lá vou eu esvaziá-lo. Coloco as contas sobre a escrivaninha, mas lembro-me que há um banco eletrônico perto de casa e vou primeiro pagar as contas.
- > 5. Coloco o cesto de lixo no chão, pego as contas e vou em direção porta.
- > 6. Onde está o cartão do banco? No bolso do casaco que vesti ontem.
- > 7. Ao passar pela mesa de jantar, olho para uma cerveja que estava bebendo. Vou buscar o cartão, mas antes vou guardar a cerveja na geladeira.
- > 8. Vou em direção à cozinha quando noto que a planta no vaso parece murcha, é melhor pôr água antes.
- > 9. Coloco a cerveja na mesa da cozinha, quando... Ah! Achei os meus óculos! Estava à procura deles há horas! É melhor guardá-los já!
- > 10. Pego num jarro, encho-o de água e vou em direção ao vaso.
- > 11. Deixaram o controle remoto da televisão aqui em cima! À noite quando quisermos ligar a TV, ninguém vai se lembrar de procurar na cozinha. É melhor levá-lo já para a sala. Mas...

- > 12. Ponho os óculos sobre a mesa e pego no controle remoto.
- > 13. Coloco a água na planta, mas caiu um pouco no chão. Deixo o controle remoto no sofá e vou buscar um pano.
- > 14. Vou andando pelo corredor e penso que precisava trocar a moldura deste quadro.
- > 15. Estou andando e já não sei o que é que ia fazer!!!
- > 16. Ah! Os óculos... Depois! Primeiro o pano. Pego nele.
- > 17. Vou em direção ao vaso, mas vejo o cesto do lixo cheio.
- > 18. Final do dia: o carro continua por lavar, as contas não foram pagas, a cerveja lá está, quentinha, a planta levou só metade da água, não sei do cartão do banco, nem onde estão as chaves do carro!
- > 19. Quando tento entender porque é que não fiz nada hoje, fico atônita, pois estive ocupada o dia inteiro!
- > 20. Percebo que isto é uma coisa muito séria e que tenho que ir ao médico, mas antes, acho que vou ver o resto do correio...

Divulguem esta mensagem para todos os conhecidos, pois eu não me lembro para quem enviei!!!

Mas não mandem outra vez para mim, pois posso reenviá-la novamente...

Ana Cândida

Enviado por Fabíola Lugão

O sotaque das mineiras

O sotaque das mineiras deveria ser ilegal, imoral ou engordar. Porque, se tudo que é bom tem um desses horríveis efeitos colaterais, como é que o falar, sensual e lindo (das mineiras) ficou de fora?

Porque, Deus, que sotaque!

Mineira devia nascer com tarja preta avisando: ouvi-lá faz mal à saúde.

Se uma mineira, falando mansinho, me pedir para assinar um contrato doando tudo que tenho, sou capaz de perguntar: só isso? Assino achando que ela me faz um favor.

Eu sou suspeitíssimo. Confesso: esse sotaque me desarma.

Certa vez quase propus casamento a uma menina que me ligou por engano, só pelo sotaque.

Os mineiros têm um ódio mortal das palavras completas. Preferem, sabe-se lá por que, abandoná-las no meio do caminho. Não dizem: pode parar, dizem: "pô parar". Não dizem: onde eu estou?, dizem: "ôncôto. Os não-mineiros, ignorantes nas coisas de Minas, supõem, precipitada e levianamente, que os mineiros vivem - lingüisticamente falando - apenas de uais, trens e sôs. Digo-lhes que não. Mineiro não fala que o sujeito é competente em tal ou qual atividade. Fala que ele é bom de serviço. Pouco importa que seja um juiz, um jogador de futebol ou um ator de filme pornô. Se der no couro - metaforicamente falando, claro - ele é bom de serviço. Faz sentido...

Mineiras não usam o famosíssimo tudo bem. Sempre que duas mineiras se encontram, uma delas há de perguntar pra outra: "cê tá boa?" Para mim, isso é pleonismo.

Perguntar para uma mineira se ela tá boa é desnecessário. Há outras. Vamos supor que você esteja tendo um caso com uma mulher casada. Um amigo seu, se for mineiro, vai chegar e dizer:

- Mexe com isso não, só (leia-se: sai dessa, é fria, etc). O verbo "mexer", para os mineiros, tem os mais amplos significados. Quer dizer, por exemplo, trabalhar. Se lhe perguntarem com o que você mexe, não fique ofendido. Querem saber o seu ofício.

Os mineiros também não gostam do verbo conseguir. Aqui ninguém consegue nada. Você não dá conta. Sôcê (se você) acha que não vai chegar a tempo, você liga e diz: - Aqui, não vou dar conta de chegar na hora, não, só. Esse "aqui" é outro que só tem aqui. É antecedente obrigatório, sob pena de punição pública, de qualquer frase. É mais usada, no entanto, quando você quer falar e não estão lhe dando muita atenção: é uma forma de dizer, olá, me escutem, por favor. É a última instância antes de jogar um pão de queijo na cabeça do interlocutor.

Mineiras não dizem "apaixonado por". Dizem, sabe-se lá por que, "apaixonado com". Soa engraçado aos ouvidos forasteiros. Ouve-se a toda hora: "Ah, eu apaixonei com ele...". Ou: "sou doida com ele" (ele, no caso, pode ser você, um carro, um cachorro). Elas vivem apaixonadas com alguma coisa.

Que os mineiros não acabam as palavras, todo mundo sabe. É um tal de bonitim, fechadim, e por aí vai. Já me acostumei a ouvir: "E aí, vão?". Traduzo: "E aí, vamos?". Não caia na besteira de esperar um "vamos" completo de uma mineira. Não ouvirá nunca.

Eu preciso avisar à língua portuguesa que gosto muito dela, mas prefiro, com todo respeito, a mineira. Nada pessoal. Aqui certas regras não entram. São barradas pelas montanhas. Por exemplo: em Minas, se você quiser falar que precisa ir a um lugar, vai dizer:

- Eu preciso de ir.

Onde os mineiros arrumaram esse "de", aí no meio, é uma boa pergunta. Só não me perguntem. Mas que ele existe, existe. Asseguro que sim, com escritura lavrada em cartório. Deixa eu repetir, porque é importante. Aqui em Minas ninguém precisa ir a lugar nenhum. Entendam... Você não precisa ir, você "precisa de ir". Você não precisa viajar, você "precisa de viajar". Se você chamar sua filha para acompanhá-la ao supermercado, ela reclamará: Ah, mãe,

eu preciso de ir? No supermercado, o mineiro não faz muitas compras, ele compra um tanto de coisa. O supermercado não estará lotado, ele terá um tanto de gente. Se a fila do caixa não anda, é porque está agarrando lá na frente. Entendeu? Agarrar é agarrar, ora!

Se, saindo do supermercado, a mineirinha vir um mendigo e ficar com pena, suspirará:

- Ai, gente, que dó.

É provável que a essa altura o leitor já esteja apaixonado pelas mineiras. Não vem caçar confusão pro meu lado. Porque, devo dizer, mineiro não arruma briga, mineiro "caça confusão". Se você quiser dizer que tal sujeito é arruaceiro, é melhor falar, para se fazer entendido, que ele "vive caçando confusão".

Para uma mineira falar do meu desempenho sexual, ou dizer que algo é muitíssimo bom vai dizer: "Ô, é sem noção". Entendeu, leitora? É sem noção! Você não tem, leitora, idéia do tanto de bom que é. Só não esqueça, por favor, o "Ô" no começo, porque sem ele não dá para dar noção do tanto que algo é sem noção, entendeu?

Capaz... Se você propõe algo ela diz: capaz!!! Vocês já ouviram esse "capaz"? É lindo. Quer dizer o quê? Sei lá, quer dizer "cê acha que eu faço isso"? com algumas toneladas de ironia.

Se você ameaçar casar com a Gisele Bundchen, ela dirá: "ô dó dôcê". Entendeu? Não? Deixa para lá. É parecido com o "nem...". Já ouviu o "nem..."? Completo ele fica: - Ah, nem... O que significa? Significa, amigo leitor, que a mineira que o pronunciou não fará o que você propôs de jeito nenhum. Mas de jeito nenhum. Você diz: "Meu amor, cê anima de comer um tropeiro no Mineirão?". Resposta: "nem..." Ainda não entendeu? Uai, nem é nem. Leitor, você é meio burrinho ou é impressão?

A propósito, um mineiro não pergunta: "você não vai?". A pergunta, mineiramente falando, seria: "cê não anima de ir"? Tão simples. O resto do Brasil complica tudo. É, ué, cês dão uma volta pra falar os trem... Falando em "ei...". As mineiras falam assim, usando, curiosamente, o "ei" no lugar do "oi". Você liga, e elas atendem lindamente: "ei!!!", com muitos pontos de exclamação, a depender da saudade... Tem tantos outros... O plural, então, é um problema. Um lindo problema, mas um problema. Sou, não nego, suspeito. Minha inclinação é para perdoar, com louvor, os deslizes vocabulares das mineiras.

Aliás, deslizes nada. Só porque aqui a língua é outra, não quer dizer que a oficial esteja com a razão. Se você, em conversa, falar: Ah, fui lá comprar umas coisas...

- Que's coisa? - ela retrucará. O plural dá um pulo. Sai das coisas e vai para o que. Ouvi de uma menina culta um "pelas metade", no lugar de "pela metade". E se você acusar injustamente uma mineira, ela, chorosa, confidenciará:

- Ele pôs a culpa "ni mim". A conjugação dos verbos tem lá seus mistérios, em Minas...

Ontem, uma senhora docemente me consolou: "preocupa não, bobo!". E meus ouvidos, á acostumados às ingênuas conjugações mineiras, nem se espantam. Talvez se espantassem se ouvissem um: "não se preocupe", ou algo assim. A fórmula mineira é sintética. E diz tudo.

Até o tchau, em Minas, é personalizado. Ninguém diz tchau pura e simplesmente. Aqui se diz: "tchau pro cê", "tchau pro cês".

É útil deixar claro o destinatário do tchau.

DE UM CARIOCA APAIXONADO.
Enviado pela nossa embaixadora no
Rio de Janeiro, Brigida Moreira

Só restavam os dois ali.

A noite avançava sobre a madrugada e Marciano, já cansado de improvisar no fabrico de cigarros de palha, cochilava no canto do balcão.

Uma dose derradeira e repete o gesto manjado de quem bem entende de balcão de venda. Apruma o corpo, despeja lá na glote de uma vezada só a talagada bem medida de três dedos, estala a língua e atira o restinho do Santo que escorre candidamente pela parede do balcão. Ajeitou o chapéu no alto da cabeça, estalou o chicote na bota de cano longo e se despediu.

Pousou o pé no estribo e num golpe único, alcançou o colo macio do arreio. Num meneio de corpo, como que para ajeitar a distribuição do peso de Januário, a montaria pegou trote em direção ao final da rua.

À medida em que se distanciavam, iam deixando para trás as casinhas minúsculas, de janelas tanto mais minúsculas quanto mais distantes ficavam do centro da cidade. A iluminação desapareceu por completo, e, cavaleiro e montaria ganharam a escuridão da estrada de terra batida.

Conhecedor a palmo daquelas brenhas - quantas vezes cruzara aquele pé-de-serra! - soltou a guia e deixou que o passo frouxo da mulinha seguisse lento em ritmo de retorno.

Voltar prá casa era sempre uma aventura. Nunca que Januário se preocupava com horários. Garrava numa conversa fiada e não se dava conta de que os minutos corriam contra sua disposição de não ir embora. Quando não mais tinha jeito, repetia o ritual de sempre. De qualquer forma, o cavalgar naquele horário e sem companhia servia como forma de um acerto de contas consigo mesmo. Quantos anos já ali, tocando sua harmônica de muitos baixos nos pagodes domingueiros e capando a marrãozada nos arredores daquelas tantas léguas!

A aragem que subia da noite trazia no murmúrio do "corguinho", a cantilena candongueira da madrugada, interrompida pelo "tchibum" do mergulho de algum animal perdido, fugindo de virar alimento para predador noturno.

Reencontrava-se com os seus dias. Mestre na arte da castração, herdou do pai a maestria no manejo da lâmina, e recebera como legado o apelido pelo qual ficou conhecido. Era um privilegiado. Ninguém que tivesse chegado ali como ele, que tivesse feito vida arrostado em cabeção de carro-de-boi, gozava de tamanho prestígio e admiração.

Nos últimos tempos, fatos estranhos vinham ocorrendo por ali, desde que Januário começou a ouvir vozes durante a noite.

AS VOZES NOTUR NAS DE Wagner Martins JANU ÁRIO CAPA DOR



Quando da última vez que resolveu verificar o que se passava, pode ficar observando um estranho cortejo atravessar o altinho da tranqueira, ganhar o descampado na divisa da encosta e desaparecer na capoeira miúda, onde as vozes sumiam.

Dia seguinte o corgo todo tomou conhecimento do fato. Quem não tinha visto a procissão na madrugada? Coisa do outro mundo com certeza. Mas só Januário se lembrava das vozes...

Sentia uma esquisitice naquele dia. O arrombamento da tulha de café e o desaparecimento de peças do engenho, era tudo meio estranho, não bastando aquela procissão de estranhos vultos cortando a noite e levando caixão de finado. E foi lembrar agora daquelas coisas.

Uma cantoria plangente como nas cerimônias de encomendação de almas, de repente ecoou pela noite escura, vindo na direção oposta, e Januário pode ouvir claramente o canto:

"Ó que contas rigorosas
"Tens de dar por toda a vida
"Confessa-te ó pecador
"Tens a tua alma perdida

Estranho arrepio percorreu-lhe a espinha e a mulinha ficou estática.

"À porta das Almas santas
"Bate Deus a toda hora
"As Almas lhe responderam
"Que quereis meu Deus agora?
"Quero que vindes comigo
"Para o Reino da Glória!

Estava ali, diante de seu susto o cortejo que vira dias atrás. Mais ou menos uns sete vultos vestidos num roupão branco, conduziam um estranho caixão e repetiam em coro aquele cântico de agonia.

No inusitado do encontro, cortou-se ao meio a cantoria, e estranho silêncio se fez.

Num gesto de investida por parte do pretenso líder do grupo de penitentes, Januário não teve outra alternativa que não o enfrentamento.

Forçou os calcanhares nas costelas da alimária, relutante em continuar, até que, premida pela insistência investiu sobre o grupo, enquanto Januário brandia valentemente o seu chicote, dispersando o bando que se espalhou em desabalada carreira mato adentro.

Na debandada, sobraram o caixão, Januário e a mula.

Receoso do pecado que poderia representar a violação de objeto de adoração, mesmo assim não lhe restou alternativa se não verificar quem seria o finado e com as cautelas que acometem o ser vivente que se depara com alma de outro mundo, puxou a mortalha de um só lance e desnudou a finada alma:

Sacos de café acondicionados sobre um estrado de madeira, eram conduzidos em séquito, ao som da ladainha dos penitentes. Estava ali a resposta para os arrombamentos da tulha.

17/10/00 - sabará
(Publicado em "Fala, filho da mãe!!!")

Wagner M. Martins é advogado e escritor.
w_nmartins@yahoo.com

2º Encontro
Nacional de
Motociclistas

XII ENCONTRO
NACIONAL DO
CARATINGUENSE
AUSENTE

Caminhada
ALCOOLÓGICA
de Caratinga

Circuito Caratinguense de Butecos

Trem Bão Buteco 2008

Trem Bão é Buteco 2008:

- Final de 22 a 25 de maio no Jardim das Palmeiras
- No palco: cantores de butecos da cidade + Renato Vargas

FESTAS PARALELAS:

XII Encontro do Caratinguense Ausente

Durante todo o evento, confraternização

II Encontro Nacional dos Motociclistas

De 23 a 25 de maio no Calçadão

6ª Caminhada Alcoológica

Sábado, 24 de maio, saindo do Jardim das Palmeiras e encerrando na casa MULTSHOW, com animação pela BARTUCADA de Diamantina

REALIZAÇÃO



CARATINGA
Secretaria de Turismo e
Desenvolvimento Econômico



APOIO CULTURAL

Em 2003, Paulo Sérgio da Silva Gomes, o PS, estudava Turismo nas Faculdades Reunidas de Caratinga (FIC), e junto à sua equipe, apresentou um projeto de um concurso de butecos adaptado à realidade de Caratinga.

Depois que terminou o curso, me chamou pra gente por em prática o projeto. Como todos sabem (ah, não sabem não?) eu tenho alguma experiência em promoção de eventos, após anos levando prejuízo promovendo shows de rock nos anos 80/começo dos 90.

Ao tentarmos implementar a idéia, deparamos com um pequeno problema: o orçamento que estourou, depois explodiu, depois virou um big bang. Não dava pra fazer com o patrocínio que tínhamos em mãos. Foi aí que a prefeitura de Caratinga, que até então era um dos patrocinadores, resolveu bancar a idéia.

Junto à Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico, que tem à frente o jovem amigo da J.A. Fred Ribeiro, e onde PS é diretor do Departamento de Turismo, e junto também às entidades Acic - Associação Comercial e Industrial de Caratinga, CDL - Câmara de Dirigentes Logistas de Caratinga e Credileste - Cooperativa de Crédito, além dos órgãos de comunicação de Caratinga, a primeira festa, realizada em 2006 junto ao Encontro Nacional do Caratinguense Ausente, foi um sucesso fantástico, principalmente pelo clima "família" da festa de encerramento realizada durante o feriadão no Jardim das Palmeiras.

Os bares participantes se esmeram no atendimento e na qualidade dos pratos (e óbvio, na temperatura da cerveja). No "Coreto do Ronaldinho", obra do imortal Oscar Niemeyer cravada no coração de Caratinga, se revezam os cantores de barzinho da cidade. E a alegria corre solta, no maior astral.

Assim, chegamos a 2008 com a festa acontecendo pela terceira vez, incrementada por outras festas paralelas (veja ao lado). Agradeço ao PS a honra de ter sido convidado a participar desde o princípio. Este ano, esta edição da Jararaca está sendo lançada durante a festa (bom, pelo menos deveria). Na próxima edição a gente conta como foi. O importante é que a festa pegou, e veio pra ficar. Buteco forever!

Camilo



Orlando Pedroso é cartunista e ilustrador da Folha de S. Paulo e fez este desenho especialmente para esta edição da J.A.

orlando



BIOCICLO
INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS

Av. Silviano Brandão, 1818 - Horto
Belo Horizonte - MG - CEP 31015-000

(31) 3488-3368

www.biociclo.com.br



TEXTO EM CERTIDÃO JAMAIS LAVRADA EM CARTÓRIO E NEM RECONHECIDA PUBLICAMENTE, ACONTECIDO NOS IDOS DE DOIS MIL DE UM DIA DESSES DEPOIS DE CRISTO, REVERENCIANDO A MEMÓRIA DO POETA DANTAS MOTA.

Maxs Portes

Parábola do pequeno Vate no país dos Caratinga

São dois os Caratingas, e isto é, de fato.
Mas somente em um País é que me contemplo nele
Em memórias (con)sentidas e (in)contidas
Pelo chão de barro, pedras e rumos
Encharcados de roteiros, se onde me situo, porque
Este, ao que me refiro, vem de perfume e de amor.
Portanto, dispar daquele outro mencionado, o do país
De caetanos e são joões desbravadores
Em nuvens por horizontes tropicais,
Até na paragem dos caminhos donde inventaram
(Dê os Bandeirantes enfebrados de sonhos),
Uma terra prometida a ninguém e que sabiam eles, dela,
Por detrás de itaúnas ainda não nominadas,
E em meio as matas serradas, e de cobras e de sagüis –
Cujas espécies de primatas, calitriquídeos,
Na pequenez dos corpos e caudas longas,
Dependurados aos bandos testemunharam in loco
A derradeira hora do assentamento, e da posse,
E do domínio da terra de carás-brancos em ramas escorridas
E sem valia de até então, anterior às escrituras dos posseiros,
Mais: dos santos e dos padres e dos políticos, juntos ao
Séquito refinado de ladrões quase carrapatos
Acompanhando as comitivas nos comequitos
Banquetes das sobras atiradas no acolá de um lugar qualquer,
Ou sanguessugando mesmo os dos pioneiros suarentos:
“ Porquanto este é um país (dos Caratinga)
Engraçado e em que se briga até
Por um lugar na mesa do banquete, julgando-se
Que com isso se adquirir um lugar na mesa da História.
Ora, como não é possível adquirir-se um lugar na História
Sem idéias ou pensamentos, erroneamente alguns entendem
Que poderão fazê-lo, forçando a porta dos fundos
Dessa mesma história à custa do couce da carabina”
Onde bacuraus e caranguejos se delimitaram, engalfinhados
Pelos porões dos interesses pecuniários (ditos patrióticos).

Mas contam os prelados que João, o santo, contempla da torre
Servindo de catedral, os horizontais caminhos bifurcados,
Que se dizem ruas com novos nomes aos antes apelidados
E que ainda hoje ficariam bem aos olhos e aos ouvidos dos que
Teimam em separar modismos de História.

Porquanto é bom que todos saibam do morro da Antena, do América,
Do Caratinga, da rua do Cavaco, do Sal, das Baratas,
Dos Viajantes, do Lixo, dos Atrevidos, dos Aflitos, da Escadinha,
Do Hospital, do Patronato, porque é também, de bom grado,
recorrer às ruas pertencentes aos bairros do Zacarias,





Parábola
do pequeno

Vate
no país
dos
Caratinga

Do Tralalá, dos Rodoviários, do Barro Branco, e de outras,
Incluindo na lista sem registro em cartório a do Beija-flor.
Ah!, aquele beija-flor de tão entranhas delas, de lá,
Por onde principiei iniciação de homem
Justo na rua dos cabarés, onde um novo dia surgiu
Raiando naftalinas e mofos pelas lembranças,
“Pois, se aquelas damas-putas não há, agora,
Nem posturas de coronéis e doutros gigolôs, de então,
Hoje tudo cemiteria ontens” e, à mingua de matéria-prima,
Os bares soluçam vazios, os botecos pranteiam,
E as madrugadas sem ondes sabem de homens soçobrantos.

Tanto assim o é e assim tem sido, que o faz-que-é-mas-não-é,
Na aparência plena, que até o coitado do ora-pro-nobis
Intensamente armado de acúleos, pois arbusto tem sido,
E de folhas suculentas, também serve de condimento
Para engrossar feijoadas de domingos sem nada por fazer
E de porvir.

Então, pelo País dos Caratinga há que se demover
Querelas e questões públicas e notórias,
Postas em planos menores, se interesses grandes e escusos há
Em afoitezas entre foguetórios ao gosto da gente simples,
Onde as pangordas tomam conta das desatinadas
Crianças em correrias ao encontro de papagaios, ou de arraias,
Ou de cafifas, ou de pandorgas, ou de pipas mesmo,
Enquanto aqueles outros papagaios dos senhores
Do poder aquisitivo, assinados voam pelas casas comerciais
E bancárias.

A tudo, resta um ar de melancólica memória ao existido
Se em mim e por mim ainda agorinha a pouco,
Findou em nome do progresso destituído de pretensões maiores
Senão as de, no rigor do destruído, erguerem mesmices
De obras quase sempre oportunas e inacabadas.

Portanto, na poalha do tempo respingando ruminações
De boi pastando o dentro, permanece a cantoria das Filhas de Maria
No mês de maio ungido por monsenhor Rocha,
E poetado por memoráveis versos do padre Juquinha
Em contemporâneos sermões ainda audíveis
Permeados de agrados e de milagres a qualquer pecador
Desavisado do Glória ao Pai e de amuletos

De bom alvitre, é fausto mencionar, por oportuno:
No País dos Caratinga, após as pretas parteiras, chegaram
Os recursos médicos na maleta e nas mãos do pioneiro, Edmundo Lima,
Depois, nas de outros como o Cimini, brotado na própria terra,
E de Grimaldo, e de Monteiro Rezende e de Theodoro, o Archimedes,
Aquele, o maior entendedor de acudir crianças na pediatria,
Posto que remédios em boticários ou em farmácias ficavam
Por conta de Belizário, de Didico, de Olegário, de Geraldo,
De Mendonça, de Tatão, de Quirino e de Moacir.
No entretanto, a olho gordo e espinhelas caídas aí cabiam benzeções.

E dos educandários, houve um professor Armando,
Um reverendo Uriel, um Francisco dos Reis Alves,
Uma Isabel Vieira, uma dona Glorinha, uma Dulce Moura,
Uma Maria Figueiredo, uma Ana Zélia – além das sombras tecidas de luzes
Pertinentes às outras mestras, quando as fimbrias das saias
Roçagavam pelas carteiras em meio aos aprendizes do saber letrado
E em cuja herança nomes ímpares se fizeram Ziraldiando por Godinho,
Anselmo, Abreu, Lucas, Vieira, Sá, Castro, Edra, Mól,
os Alves e os Leitão.
E mais, se posso, incluo este pequeno vate colecionador
De palavras e metáforas.

Ainda: no País dos Caratinga ocorre sem muito escrutar os sons perfilados
Pelos cantos da memória, a Típica do Belegardi, os pianos da Nhanhá,
Da Nila, o violão do Balalaica, o conjunto do Betinho, o pistão do Ari,
O sax do Zitinho, os violinos de Wilson e de Spínola, o cantar do Sacota.,
A música do Schettino, a voz do Isac, do Timóteo, os acordeões
Da Terezinha, da Ana Maria, da Helena, do Magelli,
E muito de genialidade nos concertos de Simone –
Quando em registro fotográfico do Onair (pessoal e enquanto possível).

Pois sempre se escreveu em letras confrangidas e de fôrma,
A história deste País dos Caratinga (que escolhi por nascença),
De dês o jornal dO *Município*, de Leonel Fontoura,
Ao *Caratinga* do Augusto, ao *Jornal de Caratinga*, do Gade e do Humberto,
Com as páginas do Tião (sabedor do social e das vaidades) –
Afora a inexistência de efemérides dos tantos esquecidos –
Enquanto tudo se perde por uma *Casa da Memória* que não há nem houve,
Mas sobrevive nas intenções de azafamadas promessas
Protelatórias dos homens públicos no País dos Caratinga,
Sem o tocar da banda *furiosa* em retretas num coreto de Niemeyer
Que a todos dou por constrangimento e desdita.

Mas dizem de haver eleições municipais, como sempre
Houvera em discursos e promessas. Dizem de haver
Novos currais eleitorais eletronicamente modernos
Na aferição dos votantes escolhendo aquele um ou um outro.
Dizem até que aos pára-quedistas de ocasião
Há votos de sobra e resto. Mas o meu coração
É urna que sabe a escolha no País dos Caratinga,
No entanto sem valia, porquanto não anda documentado nos conformes
Da burocracia e do dever de cidadão ausente (mas nem tanto).

Resta, ao menos, rogar ao que determinado for no sufrágio universal,
Àquele, investido do poder executivo na municipalidade,
Antes que tome para si palavras carcomidas e poeirentas
No charco das idéias copiadas e impotentes,
Um zelo sem promessas, um fazer sem decantações,
Inteirado de povo e cultura, de natureza e de meio ambiente –
Quando política é, sobetudo, servidão e ética –,
Distante das mazelas dos tantos outros que emporcalharam a História,
Porquanto, pois, sem vassalos e borra-botas,
O País dos Caratinga é mais, é muito mais e além
Do que uma simples região cartográfica.

Bem certo, e por razão,
um lugar no recôndito da alma.



Parábola
do pequeno

Vate
no país
dos
Caratinga

O laureado escritor caratinguense **Maxs Portes** é colaborador da Jararaca Alegre e escreveu este texto especialmente para esta edição.

* José Franklin Massena de **Dantas Mota**: (22.03.1913 - 09.02.1974). Poeta mineiro de Aiuruoca, MG.. Autor de *Elegias do País das Geraís* (José Olímpio Editora - 1987)

O Espírito da Coisa



Posicionamento

Todos amam um homem gordo, mas ninguém quer ficar por baixo.

Reflexo

Os grandes corredores vencem todas as disputas porque não param pra pensar.

Lembranças

Os que bebem pra esquecer, esses bebem todo dia.

Esclarecimento

Os pensadores, em sua maioria, foram solteiros. Pudera: quem pensa não casa.



Sylvio Abreu

Perigo

Os funcionários públicos vivem tão mal que os chefes, nos feriados, jamais falam em "enforcar".

Prudência

Mineiro só dá nomes aos bois quando batiza no pasto.

Constatação

Um país de capitalismo selvagem se faz com homens corruptos e livros- caixa rasurados.



Tempo

Amadureceu, cai do galho.

Convicção

Os padres vivem tanto tempo sozinhos por força do hábito.

Exceção

Adoro tudo que leve arroz, exceto casamento.

Orgulho

Nunca diga "desta água não beberei", a menos que esteja se afogando.



Realidade

Dez por cento dos brasileiros não têm do que se queixar. Os outros noventa por cento não têm a quem.

Afinidade

Os cegos e os desiludidos não têm nada a ver.

Tédio

Os estudiosos estudam séculos e séculos de História, às vezes só pra matar o tempo.

Incômodo

Em pensionato de cego, quem têm um olho apaga a luz.



PICARETAGEM

Editor da Jararaca Alegre perde os originais de colunista e na hora de fechar a edição é obrigado a pesquisar na seção de achados e perdidos.



**Ela era minha
namoradinha da zona
e eu queria casar com ela.**

Ela ama a liberdade da zona
E eu querendo ela só pra mim
Ela é dona da noite
Dona do sexo
Dona de si
Dona de si o bastante
Para se dar a quem quiser
Para se dar por dinheiro
Ou por tesão e amor

Noites a fio passei com ela
E viajei do céu ao inferno
Sem escalas, ida e volta
Momentos de céu compensando
Dias de inferno
Que eu também dei a ela

Ela era minha namoradinha da zona
E eu querendo casar com ela.
Era tão bom a gente na zona
E eu querendo levá-la pra casa
Ninguém pode ser dono da liberdade alheia
Eu sabia disso, mesmo assim tentei
Esqueci que ela tem asas de borboleta
E asas servem para voar.

Hoje tudo o que eu queria
É que ela quisesse de novo ser
Minha namoradinha da zona.
E ligasse pra mim dizendo assim

Que hoje não quer dar por dinheiro
Pra aqueles caras feios, sujos, bêbados e mal-educados
Poetas, malditos, sem rosto, sem nome
Geniais, burros, sujos e subversivos
Gordos, suados, perfumados em excesso
Fedidos ou insossos
Negros, pardos, brancos e amarelos

Que hoje ela está carente
E quer dar pra mim
Por tesão e amor.



Camilo



HONDA

RAFA MOTO

Apresenta

NOVA CB 600F HORNET A MÁQUINA

www.rafamoto.com.br

CARATINGA

(33) 3321-7200

SÃO JOÃO DEL REI

(32) 3373-3010

IPANEMA

(33) 3314-1222